

TODO O POVO CONTRA O PROJETO DE AMORDAÇAMENTO DA IMPRENSA!

VOZ OPERÁRIA

Nº 381 — RIO DE JANEIRO — 1º SETEMBRO DE 1956

ESTÁ SENDO DEVORADO PE-
LA CARESTIA O RECENTE AU-
MENTO DO SALÁRIO-MÍNIMO

(Na 11ª Página)



VIRÁ AO BRASIL A ÓPERA DE PEQUIM

O povo chinês possui brilhante tradição cultural e esta se reflete particularmente no teatro e na pintura. A partir do dia 10 de setembro em São Paulo e em seguida, no Rio, o público brasileiro terá, pela primeira vez, oportunidade de assistir à ópera chinesa (FOTO AO ALTO da ópera "O bracelete"). Um conjunto de 91 artistas, dentre os quais se destacam os famosos Mei Lan-fang e Chu Sin-fang, se apresentará no Brasil, depois de uma carreira vitoriosa pelo Chile e Uruguai. A opinião democrática nacional venceu a tentativa reacionária do Itamarati de negar visto à Ópera de Pequim. E o movimento pelas relações com todos os países dá, assim, um passo à frente, no terreno da cultura (Foto Sin-Huá).

Ação Unitária e Concreta em Defesa da Liberdade de Imprensa

ESTA semana a redação da «Tribuna da Imprensa» foi atacada pela Polícia Especial, com o intuito de que o jornal não apresentasse e outro, impedindo de rolar, e outras investidas, também, a segurança do «Estado de São Paulo». Trata-se de violência inconstitucional, que exige a reação unânime da imprensa e da opinião pública. Nenhuma instrumento legal da Polícia o direito de apreender jornais e muito menos invadir suas redações.

SEM dúvida, o pretexto para a violência — um manifesto do jornalista Carlos Lacerda estampado na «Tribuna da Imprensa» e no «Estado de São Paulo» — é uma provocação nazista e revoltante. Répete a técnica do incitamento ao golpe, dá calúnias e insultos contra todos os que contribuíram para desarticular o «putsch» que se tramava em novembro do ano passado. Ninguém exige do governo que feche os olhos a rearticulação de empedernados conspiradores fascistas, tipo Lacerda, Padilha e Pena Loto, que desejam a instauração de uma ditadura liberticida às ordens de Wall Street.

MAS, uma coisa é desarticular a trama dos que conspiram contra o povo e as franquias democráticas; outra, violar estas franquias, a pretexto de defendê-las. Foi este último passo que deu o governo do sr. Kubitschik, colocando sob ameaça todos os jornais, a liberdade de imprensa e as liberdades em geral.

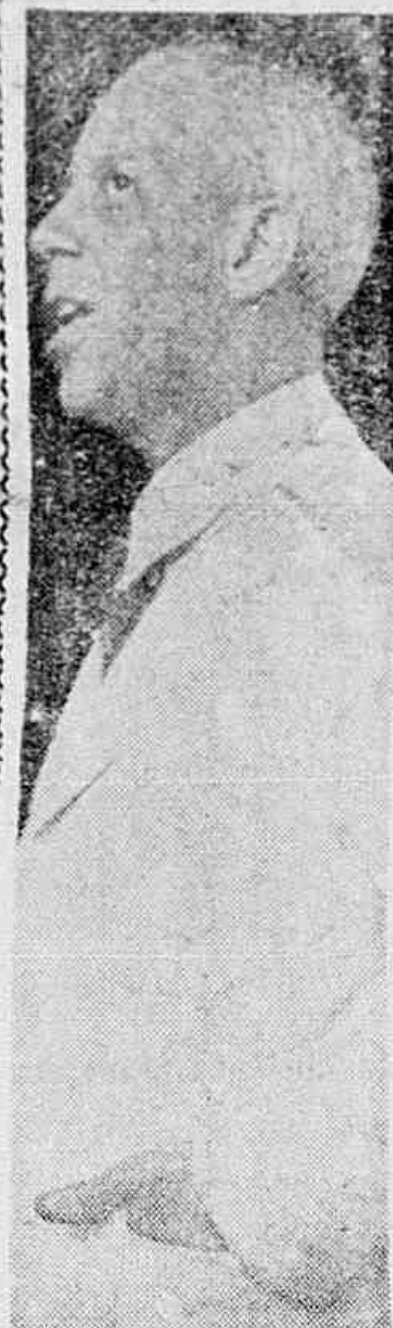
FATO semelhante verificou-se logo após o movimento de 11 de novembro quando, a pretexto de repressão às atividades golpistas, se decretou o estado-de-sítio. Foram suprimidas as liberdades e, sem elas, o povo não pôde mobilizar-se para assegurar suas conquistas democráticas. Enquanto isto, os que conspiravam contra o povo não foram incomodados.

SEM dúvida, permanecem no governo certos círculos que se aproveitaram do estado de sítio de novembro para deter o avanço democrático no país. São círculos tão interessados, quanto os Lacerda, Padilha, Pena Loto, Juarez Távora e comparsas, na liquidação das liberdades. Não é por acaso que o sr. Nezeu Ramos se utiliza, atualmente, das provocações de Pena Loto para ameaçar a existência de jornais como VOZ OPERÁRIA e «Imprensa Popular». E não por acaso, ele e outros elementos do governo, se utilizam do manifesto provocador de Carlos Lacerda e tentam impor a jornais e jornalistas o arbítrio policial e uma lei de rólha contra a imprensa. Assim, embora movidos por interesses particulares diversos, círculos reacionários do governo e a ala mais reacionária e liberticida da chamada «oposição» trabalham, cada um, por seu lado, contra as liberdades e as franquias constitucionais. Isto adverte sobre a possibilidade de um entendimento desses grupos, que cedam o povo, para arunharem as conquistas democráticas. Evidentemente, os maiores interessados nestas manobras são os monopólios norte-americanos.

A tarefa mais urgente é por isso preservar as liberdades, a começar pela liberdade de imprensa, mobilizar a todos para impedir o fechamento de jornais e os atentados à sua livre circulação. Esta é a forma segura de frustrar as conspirações liberticidas, rartem de onde partirem — de Lacerda e seu bando, ou de dentro do próprio governo. Os próprios círculos que, no atual governo, desejam resistir à pressão colonialista norte-americana e desbaratar as provocações dos Padilha, Lacerda e Pena Loto, precisam compreender que somente contarão com o povo se defenderem e respeitarem, na prática, as liberdades do povo. A luta concreta por estas liberdades — de imediato pela liberdade de imprensa — ajuda-las a nesta compreensão que fala de perto aos interesses da democracia e da soberania nacional.

Palmeiro
Cr. 1.50

MOSES: A A.P.I. COMBATERA QUALQUER PESTICÍDIO A LIBERDADE DE IMPRENSA



CONTRA OS INTELIGENTES DA REAÇÃO DE AMORDAÇAR A IMPRENSA. O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA DEU IMPORTANTE ENTREVISTA DE QUE TRANSCREVEMOS OS TRECHOS POR NÓS JULGADOS MAIS IMPORTANTES NA 3ª PAGINA DA PRESENTE EDIÇÃO

Desde 1951 Exigem os Estados Unidos o Monopólio de Nossos Minérios Atômicos

(Texto na 3ª Página)

Problemas da Democracia Socialista

NA PÁGINA CENTRAL A CONCLUSÃO DA ENTREVISTA DE PALMIRO TOGLIATTI A «NUOVI ARGOMENTI», CUJA PUBLICAÇÃO INICIAMOS NO NÚMERO ANTERIOR

neste número

O Canal como lanque na Questão de Suez

As pressões que elaboraram o programa de descolonização do Canal os Estados Unidos fingem não ter interesse imperialista na questão — A verdadeira diferença entre o Canal do Panamá e o de Suez.

A mais importante manifestação norte-americana a propósito da crise de Suez, após a Conferência de Londres, foi a entrevista concedida no dia 26 pelo Sr. John Foster Dulles, secretário de Estado.

As declarações da imprensa do Exterior lanque revelam que ainda não foi fixada uma diretiva republicana uma diretiva clara em face das possibilidades de um novo agravamento do problema que, no mesmo tempo, os Estados Unidos prosseguem no mesmo plano de internacionalização que tem um claro desígnio colonialista.

Assim, não se vê que se Dulles reconhece com positividade a ambição de Nasser em receber a "Carta dos Cinco" conferida, ao mesmo tempo, que a Conferência (há-se os signatários da mo-

ção americano-paquistanesa) não esperava que Nasser aceitasse o comitê de Mentis. Por outras palavras, não significa que Dulles, Elyon e Drouot possam levar a crise a um ponto crítico (o que foi desmentido pela Índia e a URSS) no momento em que os Estados Unidos se recusam a reconhecer a existência de uma outra maioria de países europeus que se encontra com a maioria de Nasser no mencionado Comitê.

Arábia, as autoridades americanas deram base legal em um navio que transportaria, segundo elas, armamentos para as forças armadas guatemaltecas.

Se há um real interesse em manter o Canal de Suez tecnicamente controlado para servir ao interesse de comércio internacional, isso pode ser obtido nos termos da convenção indiana em dois pontos essenciais: em primeiro lugar, manter a dívida emitida à soberania do Egipto.

Arábia, as autoridades americanas deram base legal em um navio que transportaria, segundo elas, armamentos para as forças armadas guatemaltecas.

Se há um real interesse em manter o Canal de Suez tecnicamente controlado para servir ao interesse de comércio internacional, isso pode ser obtido nos termos da convenção indiana em dois pontos essenciais: em primeiro lugar, manter a dívida emitida à soberania do Egipto.

AS EXPERIÊNCIAS ATÔMICAS SOVIÉTICAS

POLÍTICA BIFRONTADA

O SECRETÁRIO DE ESTADO FALSIFICA

A experimentação de um novo programa atômico pela União Soviética está dando um a diversos comunistas de todo o mundo, e os fatos mais importantes que o da generalização. O sentido geral da propaganda nuclearizada, no caso, é o de apresentar, como entusiasmante, as declarações unânimes do Soviet Supremo, relativamente à paralização das experiências atômicas e o prosseguimento de provas com armas nucleares, por parte do mesmo país.

Aspecto mais perigoso e, portanto, facilitaria a candidatura da paz. No entanto, provocaria, no decorrer do curso prático, uma desconfiança no campo das armas nucleares e, assim, facilitaria o caminho das hostilidades mais evidentes por parte do militar da URSS em dos motivos mais convincentes para não se lançar em uma guerra de agressão em grande escala.

A posição da União Soviética em relação ao problema das armas a nível é naturalmente ambígua, através de dez anos de experiência atômica: a URSS possui um grande arsenal de armas e da fabricação das armas nucleares e termo-nucleares, e também a correspondente tecnologia internacional. Como se sabe, as diversas propostas européias a uma renúncia foram sempre rejeitadas pelas autoridades orientais que pretendem não serem o alvo de proibição atômica.

A preocupação crescente dos círculos norte-americanos e ingleses com a experimentação de massa realizada em Suez, e a situação de emergência de necessidades propagandísticas.

De outro lado, porém, revelam que os progressos atômicos realizados na URSS vão obtendo novos benefícios para a humanidade. Mas, até agora, os maiores obstáculos a que nos referimos internacionalmente tiveram sobretudo a falta de uma posição americana de maior importância de os Estados Unidos em assuntos atômicos.

Mais uma vez, a propaganda lançou erro o alvo. A contumaz campanha internacional para a proibição das armas atômicas não mais permite que a opinião pública seja enganada facilmente. As propostas de proibição da URSS permanecem as mesmas. A política dos Estados Unidos, e mais recursos de propaganda não poderão nunca ser substituídos uma atitude internacional responsável.

Tal como seu projeto, a entrevista de Dulles permanece, sob uma forma mais rude, o mesmo que os incidentes e frases lançadas antes da crise de Suez. De lá que não se trata de um problema político, mas de garantir que o Canal de Suez continue a ser uma via marítima internacional. Mas, é sempre necessário reconhecer que o assunto é não só político mas da mais alta importância mundial. É evidente que se há necessidade de uma navegação internacional através de Suez, mas isso não tem a ver com a internacionalização do Canal que a própria Convenção de Constantinopla reconheceu como princípio.

A política bifronte dos Estados Unidos apresenta-se ainda com maior clareza quando Dulles procura distinguir entre o Canal de Panamá e o de Suez. No primeiro caso, a internacionalização é o objetivo principal, e a política dos Estados Unidos é de "uma via marítima nacional", enquanto o outro — Suez — é internacional. Ora, a diferença não é essa. De norte da vista do comitê mundial de Suez, a política dos Estados Unidos é sempre a mesma: a política de intervenção internacionalista. Distinguem-se em que no primeiro caso, uma política exterior nos Estados Unidos ocorreu em território nacional e ali estabeleceram seu domínio exclusivo, com a vontade dos habitantes locais. No segundo caso, ocorreu a dominação estrangeira por meio de hostilidades e o Canal de Suez, quando em condições pacíficas, é hoje administrado pelo Egipto sob o domínio do Egipto, e não por uma potência estrangeira. A política dos Estados Unidos, e mais recursos de propaganda não poderão nunca ser substituídos uma atitude internacional responsável.

Dulles que é o autor de um plano de descolonização da zona de Suez tem o direito de declarar que todos os países que participaram da Conferência de Londres aprovaram uma solução que se chama "comitê de Suez". Os fatos mostram o contrário. O que se viu é que os termos de convocação da Conferência de Londres na parte dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França visavam a colocar o Governo egípcio diante de um dilema: ou se retirava do Canal, ou se retirava do Canal. O que se viu é que os termos de convocação da Conferência de Londres na parte dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França visavam a colocar o Governo egípcio diante de um dilema: ou se retirava do Canal, ou se retirava do Canal.

O projeto político da navegação do Canal de Suez que Dulles diz sempre apresentar uma característica de política de paz, mas que, em realidade, apresenta uma política de guerra. Dulles diz sempre apresentar uma característica de política de paz, mas que, em realidade, apresenta uma política de guerra.

Apresentação de Credenciais



Antes de viajar para a Finlândia, onde realiza uma visita de boa vontade, o marechal K. E. Voroshilov, presidente da URSS, recebe o novo embaixador da República da Indonésia, L. N. Prinar, que lhe apresenta credenciais. Esta semana chegou à URSS, em visita oficial, o Presidente Sukarno, da Indonésia (TASS).

UM AUMENTO ESCANDALOSO

As Usinas Nacionais (77% de suas ações pertencem ao Instituto de Açúcar e Alcool, que abastece em grande parte o Brasil) tiveram no ano passado um lucro de 45 milhões de cruzeiros, ou sejam, 45% de lucros líquidos sobre o capital. Agora, com o aumento de 25% nos preços do açúcar, esses lucros deverão subir a mais de 50 milhões de cruzeiros. Este aumento é excepcional e a situação financeira do Instituto não é a mesma em outros períodos. Agora, após o aumento de um aumento quase 12 vezes maior que o planejado há três meses.

Depois da Conferência de Londres



Depois do encerramento da Conferência de Londres pouco se considerava quase encerrada mais uma fase da questão de Suez. O próximo período será iniciado pela resposta de Nasser ao Comitê dos Cinco e as consequências imediatas dos decorrentes. Nessa altura dos acontecimentos, é útil fazer um retrospecto do que, de fundamental, passou-se até agora.

A crise foi iniciada quando, a 26 de julho, o Presidente Nasser baixou decreto que nacionalizou a Cia. Universal do Canal de Suez, que, a estarem em vigor os contratos, terminaria definitivamente suas operações em 1956. No mesmo dia, o Egipto deu oficialmente as garantias de que o Canal permaneceria aberto às máquinas de todo o mundo. Foram, pois, justamente separadas duas questões: a da nacionalização de uma companhia de capitais estrangeiros, sediada no Egipto (caso da exclusividade concedida ao Governo do Cairo) e a da manutenção da via de Suez aberta a todos os navios. Assim sendo, as autoridades egípcias atenderam da melhor forma possível aos interesses de seu país e do comércio mundial que de nenhuma forma ficou prejudicado. Em declarações posteriores, o Presidente Nasser mostrou-se disposto a entabular negociações amplas sobre o segundo aspecto do problema. Entretanto, para confundir a opinião pública, ingleses e franceses buscaram apresentar o ato de nacionalização como agressão à liberdade de navegação, ameaçando tomar medidas militares.

A segunda fase da crise inicia-se com a convocação da Conferência de Londres e será encerrada com a resposta de Nasser. A característica do período foi a consolidação da posição egípcia graças ao sólido apoio mundial (países árabes, países socialistas, Índia etc.) e o recuo das tentativas militares por parte de ingleses e franceses. O fundamento da Conferência de Londres é que a esmagadora maioria dos países nela representados (inclusive a maior parte dos que subscreveram a Resolução dos 17), isto é, a proposta americana com algumas modificações necessárias) tornarem claro seu ponto de vista favorável a uma solução negociada da crise internacional.

O atual compasso de espera é marcado pelo envio da proposta norte-americana que foi enviada ao Egipto pela Comissão dos Cinco (Austrália, Índia, Etiópia, Estados Unidos e Suécia). Juntamente com esta medida tomada à margem da Conferência de Londres, pela maioria adre-

damente preparada pelo sistema de convocação. O que se aprendeu a Nasser é, de fato, um projeto de internacionalização, impossível de aceitar por qualquer país soberano. Ao mesmo tempo, porém, foi enviado o texto integral das atas da Conferência, do qual consta a proposta indiana que pode ser definida como a propugnação de uma nacionalização garantida e assegurada, que bem resguarda os interesses legítimos de todos os Estados.

O essencial, no momento, para o Egipto, é manter aberta a porta de negociações, desgastando dia a dia o prestígio dos intervencionistas que perdem terreno à medida que melhor se esclarece a opinião pública. Isso são exemplos as próprias manifestações que já se realizam na Grã-Bretanha, após alguns dias de domínio do chovinismo. Daí que já se saiba que o presidente egípcio não se recusará a receber a Comissão dos Cinco, decepcionando, assim, os que pretendiam encontrar numa recusa o pretexto para um rompimento definitivo. As emendas propostas têm efetivamente o mérito de, sem alterar o conteúdo das propostas de Dulles, retirar da resolução o caráter de assunto fechado, sobre o qual haveria que dizer um «sim» ou «não» definitivos, pois que vincula a solução definitiva a negociações com o Governo do Cairo, que permanece, portanto, com certa margem de manobra.

A real importância da resposta de Nasser não estará, entretanto, vinculada aos aspectos normativos da proposta dos cinco. O nó da divergência continua a ser a questão nacionalização versus internacionalização. Não há nenhuma dúvida de que a primeira será defendida com firmeza pelas autoridades do Cairo. A maneira de fazê-lo, entretanto, terá interesse fundamental para o prosseguimento dos debates.

A evolução natural dos fatos indica a necessidade de outra conferência, convocada pelo Egipto ou à qual ele possa comparecer, visando a regulamentar pacificamente a questão de Suez. A proposta da Índia, ou alguma das diversas variantes que ela propõe, encaminha uma reunião desse tipo, à qual dificilmente poderiam faltar os Estados Unidos, e que contaria com um número de países muito maior que os convocados a Londres. Fora dessa alternativa restariam a apresentação do assunto às Nações Unidas ou a efetivação da agressão anglo-francesa, hipótese ainda não afastada, e de consequências imprevisíveis.

Desde 1951 Exigem os Estados Unidos o Monopólio de Nossos Minérios Atômicos

A CONCESSÃO FOI OBTIDA, FINALMENTE, DEPOIS DO GOLPE DE 24 DE AGOSTO, COM JUAREZ TAVORA DIRIGINDO A CASA MILITAR DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA — O QUE PROMETEM OS NORTE-AMERICANOS E O QUE LHE TEMOS ENTREGUE

Em seu último governo, Vargas assinou dois acordos com os Estados Unidos para a exportação de minerais atômicos. O primeiro, no período da guerra da Coreia, procurando fugir à pressão para que enviasse tropas ao matadouro aberto pelos imperialistas; o segundo acordo foi assinado a 20 de agosto de 1951, e divulgado no dia 23 do mesmo mês. No dia 24, Vargas suicidava-se, deixando à nação a impressionante denúncia de sua carta-testamento sobre a insuportável pressão dos grupos financeiros internacionais.

Estes episódios, selados com o sangue de um Presidente da República, deitam bastante luz sobre a história tenebrosa das máquinas norte-americanas pelo domínio dos recursos atômicos do Brasil. Pode-se mesmo dizer que os fatos esclarecidos já anurados pela Comissão Parlamentar de Inquérito estão ainda muito longe de apresentar, em sua crueza, um quadro mais ou menos completo desta história de ameaças, corrupções e felonias. É evidente que há fatos e docu-

mentos que poderosos interesses tudo fazem por ocultar ao conhecimento da Comissão de Inquérito e da opinião pública.

OS EE.UU. QUEREM O MONOPÓLIO

Mas uma coisa está provada, já agora: a ofensiva lançada para se apoderar de nossos minerais radioativos e para impedir que o Brasil venha a ter a sua própria indústria de energia atômica.

O coronel Britânico, que foi secretário do Conselho de Segurança Nacional à época do governo Café Filho declarou, em seu depoimento perante a Comissão Parlamentar de Inquérito: «Através dos documentos com os quais pude lidar conclui que desde 1951 vêm os Estados Unidos lutando para negociarem conosco um acordo que lhes assegurasse o monopólio de nossos minérios físseis, furtando-se, entretanto, às compensações específicas que sempre pleiteamos».

As compensações específicas, como se sabe, residiam na exigência de que o país comprador de nossos minerais radioativos, além do justo preço pelos minérios, nos fornecesse facilidades para a aquisição de equipamentos atômicos e assistência.

ACORDOS SEM COMPENSAÇÕES ESPECIFICAS

Desde 1947, como o demonstrou o almirante Alvaro Alberto em seu depoimento, esta vinha sendo uma orientação fixada pelos órgãos responsáveis da Segurança Nacional e seguida pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

Entretanto, é necessário dizer que, apesar da orientação, os Estados Unidos sempre se recusaram, na prática, a atender a esta justa pretensão brasileira. Inicialmente, alegavam a vigência da lei Mac Mahon, que proibia a divulgação de segredos atômicos e venda, no exterior, de equipamentos para a produção de energia nuclear. Assim, até 1955, todos os nossos acordos com os Estados Unidos para a venda de minérios físseis foram concluídos sem que se concretizasse o princípio das compensações específicas.

24 DE AGOSTO: MUDANÇA DE ORIENTAÇÃO

Mas em 1955, já de há muito liquidado o monopólio norte-americano sobre a produção da energia nuclear e com vários países interessados na transmissão de seus conhecimentos neste terreno, o governo norte-americano se propõe a «beneficiar» o Brasil com sua «assistência no domínio da energia atômica».

O governo de Vargas fora derrubado e pontificava no país a camarilha entreguista que manejava o governo Café Filho: Juarez Távora, Raul Fernandes, Eugênio Gudin e parceiros. Sub-reptivelmente, Juarez conseguiu introduzir sensíveis modificações na orientação anterior, traçando uma nova política no terreno da energia atômica.

SURTEM OS 4 DOCUMENTOS SECRETOS

É então que aparecem os quatro documentos secretos revelados ao país pelo deputado Renato Archer, documentos oriundos da embaixada norte-americana e que impunham ao Brasil as reivindicações imperialistas de Washington.

Tudo o que era reclamado nesses papéis foi levado à prática: 1) demissão do almirante Alvaro Alberto do Conselho Nacional de Pesquisas; 2) renúncia às ultracentrifugas já compradas e pagas na Alemanha Ocidental; 3) um «acordo de pesquisas» que concede aos EE.UU. monopólio para pesquisar e comprar urânio no Brasil, restringindo todas as pesquisas exclusivamente ao urânio e retirando-as do controle do CNPq e do Departamento Nacional de Produção Mineral;

4 — um acordo de «cooperação» pelo qual o princípio da obrigatoriedade das compensações específicas é substituído por promessas aleatórias de possibilidade de arrendamento ou empréstimo, ao Brasil, de reatores norte-americanos.

Esses dois acordos foram firmados simultaneamente e à base de uma exposição de motivos da Secretaria do Conselho de Segurança Nacional que deveria ser, antes, apreciada pelo Conselho Nacional de Pesquisas, num prazo de 30 dias. Acontece que a exposição de motivos somente chegou a este órgão muito depois, quando de sua presidência já se havia demitido o almirante Alvaro Alberto (exigência norte-americana contida no documento secreto número 3).

COMBATE VIGOROSO DA A. B. I.

A QUALQUER RESTRIÇÃO À LIBERDADE DE IMPRENSA MERECEM O APOIO DE TODOS OS JORNALISTAS DEMOCRATAS AS CATEGÓRICAS DECLARAÇÕES DO SR. HERBERT MOSES

Herbert Moses — A A.B.I. combaterá vigorosamente qualquer alteração na atual e chamada lei de imprensa que, de um modo ou de outro, venha restringir ou cercar a liberdade de expressão.

Adiante disse o Presidente da A.B.I.:

— Qualquer modificação que se pretendesse fazer deveria passar pelo crivo dos cultores do Direito e não se originar de manifestação política da maioria legislativa. Pergunta-se se é oportuno modificar essa legislação no momento atual. Responde: o ideal seria que a água agitada voltasse a tomar a forma do copo em que estivesse; melhor: — que passasse a agitação que provocou a condenável apreensão da «Tribuna da Imprensa». E cumpro não perder de vista que isso pode resultar em que o legislativo, dentro de uma passageira paixão política, seja levado a promulgar uma lei da qual, talvez ele próprio venha a arrepender-se».

Prósseguindo em suas declarações, afirmou o entrevistado:

— Os legisladores, e não qualquer outra entidade, poderiam conjuntamente com a A. B. I., o Sindicato dos Jornalistas Profissionais e o Sindicato dos Proprietários dos Jornais, promover o debate do assunto para que a lei tivesse afinal aspecto britânico. E quando digo britânico, penso que disse tudo».

Lembrou a seguir o sr.

120 DIAS PARA A REMESSA DE UM OFÍCIO

Na Comissão Parlamentar de Inquérito Juarez declarou não saber a que atribuir a «demora» na remessa da referida exposição ao Conselho Nacional de Pesquisas. Esta semana, a Comissão Parlamentar de Inquérito deu uma busca nos protocolos do Conselho de Segurança Nacional e do CNPq verificando que a exposição de motivos, chamada «Plano de Diretrizes para a política atômica» ficou RETIDO, durante 102 dias, na Secretaria do Conselho de Segurança Nacional. O tempo necessário a Juarez para conseguir, como queriam os americanos, a demissão do Almirante Alvaro Alberto da presidência do CNPq. Assim se conta como os americanos, através de acordos lesivos, começaram a estabelecer um controle efetivo, em caráter monopolista, de nossos minerais radioativos.

MODELOS JA' ANTIQUADOS

Na Comissão de Inquérito o titero Raul Fernandes tentou defender esses acordos monstruosos argumentando que os EE.UU. se prontificaram a nos fornecer um reator experimental (que até agora não veio ao Brasil). Pois bem. Este reator, pelo qual entregamos aos ianques o monopólio nas pesquisas e compra de minerais uraníferos e o controle de nossa política sobre energia atômica, pode ser obtido por uns poucos milhares de dólares e sem qualquer concessão, em diversos países europeus. Além disso, trata-se de reator antiquado, como reconhece a revista LIFE, edição em língua espanhola, de 2 de julho de 1956, onde se lê que até agora os EE.UU. só tem oferecido ao estrangeiro «modelos de reatores já antiquados, pelo que não é possível criticar as empresas privadas estrangeiras que resistem a inverter capital obtido trabalhosamente, em centrais atômicas que já resultam velhas».

É a mudança imediata desta política de submissão aos interesses ianques — política de espolição de nosso povo e de nosso futuro — que todo o povo hoje reclama, baseado em fatos como os já apurados pela Comissão Parlamentar de Inquérito.

CÓDIGO DE ARRÓCHO CONTRA A IMPRENSA

JORNAL ligado ao Catete revelou os termos do anteprojeto de lei de imprensa, entregue (não se sabe por quem) ao líder da maioria na Câmara, à noite de quarta-feira. Tra-se de um monstruoso código fascista, destinado a arrolhar completamente a imprensa e o rádio. Eis seus traços principais:

1) — Considera os delitos de imprensa como «crimes contra o Estado e a ordem pública», sujeitando-os à lei de segurança nacional; 2) — «Cria» sete novos «delitos», configurando entre eles tudo que contrarie o governo em qualquer terreno da atividade política e social, liquidando, assim sumariamente, qualquer direito de crítica; 3) — Confere à polícia o poder de apreender os jornais, ao seu talento, e ao ministro da Justiça o de sus-

pendar a circulação dos órgãos de imprensa por 15 dias ou 3 meses, renováveis; 4) — Confere ao ministro da Justiça o poder de censura sobre o rádio e TV, bem como o de cassar, por simples portaria, o direito de funcionamento das emissoras.

Se fosse aprovado um tal projeto, desapareceria a liberdade de imprensa no Brasil. Só poderiam circular livremente os jornais que se limitassem a transcrever os pontos de vista do ministro da Justiça ou dos chefes e delegados de polícia. Jamais, desde o fim do Estado Novo, a imprensa brasileira se encontrou sob tão grave ameaça. O momento exigia, pois, a mais ampla união de todos os democratas para o combate sem tréguas pela demora desse monstruoso código de arrócho.

O sr. Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, entidade que se tem colocado tradicionalmente em defesa da liberdade de palavra escrita, deu importante entrevista ao «Correio da Manhã» a propósito das tentativas de goteamento da liberdade de imprensa atualmente em preparo. A essência dessa entrevista merece o apoio de todos os jornalistas democratas, pois que visa à defesa da liberdade de imprensa. Isso, entretanto, não significa o endosso de todos os conceitos defendidos pelo Presidente da A.B.I. Eis os trechos por nós julgados mais importantes da entrevista do sr. Moses:

— Não transigiremos — começou afirmando o sr. Her-

Defende, por isso, o Presidente da A.B.I. em sua entrevista uma definição da responsabilidade do jornalista. Uma lei de responsabilidade.

Desenvolvendo sua idéia a este respeito, informou o sr. Moses que existe uma variante a que recorrem países alta cultura e civilização: a libel law (lei do pasquim). Nesta não se admite nem apreensão nem fechamento de jornais, nem prisão de jornalistas, mas uma indenização pelo dano porventura causado à reputação do ofendido.

Concluiu o sr. Herbert Moses:

— Tenho uma idéia preconcebida a propósito do cerceamento da liberdade de expressão: sou contrário a toda e qualquer lei de imprensa.

Terror Bestial Desencadeado Pelo Tirano Rojas Pinilla na Colômbia

MAIS DE 300 CAMPONESES CHACINADOS NUMA EXPEDIÇÃO PUNITIVA CONTRA O MUNICÍPIO DE TOLIMA — É PRECISO DETER O BRAÇO SANGRENTO DO DITADOR COLOMBIANO

Desde junho de 1953, quando subiu ao poder a escuridão militar chefiada pelo general Rojas Pinilla, em virtude da organização antipopular da ditadura instalada no país e dos sangrentos delitos praticados pelos esbirros governamentais.

Recentemente um terrível sinistro ocorreu em Cali, Grande número de camponeses foram mortos pelas armas, numa gigantesca explosão de dinamite que custou a vida a mais de mil pessoas. Pinilla tentou aproveitar-se do sinistro para perseguir a oposição e intensificar o terror. Acusou seus adversários pela autoria do sinistro. Estes repeliram a acusação com veemência. Quem conhece a sede de sangue do torvo tirano da Colômbia sabe, entretanto, que ele é capaz de mais do que empreitar "incidentes do Reichstag" sul-americanos para manter-se no poder. Pinilla freqüentemente envia contra os camponeses que lutam por suas terras expedições punitivas que terminam em matanças coletivas. E os crimes ocorridos na Colômbia precisam ser conhecidos dos povos do continente, a fim de que uma onda de protestos abale o poder do sanguinário general de Bogotá.

ARTILHARIA PESADA CONTRA OS CAMPONESES

Dentre os camponeses colombianos, as principais vítimas das expedições punitivas são os povoadores do Departamento de Tolima, pois centenas deles têm sido assassinados por bandos armados do exército, ou aprisionados nos cárceres ou nos campos de concentração que se espalham pelo país.

Pinilla não tem similar na América Latina. O tirano de Bogotá supera os próprios crimes de Castillo Armas na Guatemala, país em que em cada canto de sala do Palácio do Governo existe uma retrógrada apontada contra alguém.

DETER O BRAÇO SANGRENTO DE PINILLA

Para impedir que o sangrento regime de Rojas Pinilla continue a espezinhar o povo colombiano, a serviço dos monopólios de Wall Street que visam instalar ditaduras militaristas semelhantes à sua em todos os países do continente, é necessário que se mobilize a solidariedade democrática da América. O povo brasileiro, que se identifica com a luta dos povos irmãos do continente pela independência e a democracia, repudia os monstruosos crimes praticados pelos mercenários da tirania de Pinilla e exige respeito aos direitos humanos do povo da Colômbia.

Há um ano atrás, a féria da ditadura de Pinilla chegou a tais extremos que utilizou artilharia pesada e aviões de bombardeio para a chacina dos camponeses. Contra isto, a Confederação dos Trabalhadores da América Latina encaminhou um protesto à O. N. U., denunciando inclusive que o governo colombiano preparava um exército de 25 mil homens, armado com equipamento moderno, para lançar contra os camponeses da região de Tolima.

E a denúncia da CTAL se confirmou. A nova incursão contra o povoado de Tolima foi desencadeada em maio deste ano. Mais uma vez os camponeses colombianos sofreram as bestiais violências em que se emerra a ditadura de Pinilla. Desta vez as feras a serviço da tirania concentraram seus golpes contra os camponeses de Chaparral e outros municípios de Tolima, onde mais de 300 pessoas foram assassinadas. Chegaram a tal ponto os requintes de perversidade que os prepostos da ditadura arrancavam as famílias de suas habitações, estripando seus chefes a faca.

O comandante da matança, que recebeu ordens diretas de Rojas Pinilla, foi o coronel Villate, cuja selvageria mereceu a rejeição até de elementos dos círculos dirigentes militares.

OUTRAS ATROCIDADES

Nem sequer os anciãos escaparam da feroz matança. Fermín Rojas, proprietário de uma pequena granja, que em companhia de um filho protestou contra as atrocidades, foi espartado a baioneta numa árvore. Seu filho teve sorte igual.

A intimidação causada pela chacina de Chaparral atinge vários setores do povo colombiano, especialmente aos operários e camponeses. Mas o cinismo do tirano Pinilla é tamanho que, realizando uma excursão por outros municípios, declarou-se "o Presidente dos camponeses".

O sofrimento do povo colombiano sob a ditadura de

Tentativa de Golpear a Petrobrás a Sabotagem ao Acôrdio Com a Bolívia

RAUL FERNANDES, UM DOS AGENTES DOS TRUSTES - O BRASIL ARCOU COM AS DESPESAS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO AFE' STA. CRUZ DE LA SIERRA E DA PONTE SOBRE O RIO GRANDE, MAS JÁ ESTÃO SENDO FEITAS CONCESSÕES NAQUELA ÁREA A EMPRESAS NORTE-AMERICANAS

RAUL FERNANDES, AGENTE DOS TRUSTES

Ou melhor, foi feita alguma coisa. No governo Café Filho, por iniciativa de Raul Fernandes, velho advogado dos trustes e então ministro do exterior, foi dissolvida a Comissão Mista Brasil-Bolívia, encarregada de proceder às sondagens de petróleo na área de Santa Cruz de la Sierra. Alegava então o governo «falta de capitais». Mas, simultaneamente, sabido-se por intermédio do próprio governo boliviano, que o sr. Fernandes pretendia transferir a companhias norte-americanas a concessão que obtivemos para explorar petróleo naquele país. O governo da Bolívia foi contrário à sugestão, alegando, que se havia de entregar a concessão às empresas imperialistas, preferia fazê-lo num ajuste direto e não através de governo de outro país.

CONFIRMAÇÃO

As coisas estavam neste pé, sem que as autoridades brasileiras movessem mais uma palha, quando chegou a notícia de que o governo da Bolívia acaba de assinar acôrdio com a «Gulf Oil Corporation», através do qual fica reservado àquela companhia americana o acesso e exploração de petróleo na zona de Santa Cruz de la Sierra (isto é, na zona em que o Brasil havia obtido a concessão). Este fato acaba de ser confirmado pelo embaixador brasileiro naquele país, sr. Teixeira Soares, que declarou esta semana a um vespertino:

«Interesses privados americanos estão interessados na exploração do petróleo boliviano tendo celebrado contrato com o governo de La Paz».

O que o embaixador não disse, porque não poderia certamente dizer, é que existe um plano do Pentágono que não quer que o petróleo boliviano vá para o Brasil, para a zona do Atlântico, devendo ser levado para a zona do Pacífico. Com um destino pendente, do momento a Comissão Mista Brasil-Bolívia em 1955 o sr. Paul Fernandes não fazia mais que aplicar este plano americano.

PLANO DOS TRUSTES CONTRA A PETROBRÁS

Por que não querem os americanos que o petróleo boliviano seja explorado por empresas mistas brasileiro-bolivianas e vendido ao Brasil?

Porque este petróleo é do maior interesse para o desenvolvimento da Petrobrás. Atualmente, a Petrobrás e as refinarias particulares têm de importar cerca de 200.000 barris diários de petróleo bruto, procedente da Venezuela, do Golfo Pérsico (isto é, petróleo dos trustes) e do México. Podemos por este petróleo em dólares (cerca US\$ 2,83, o tambor).

Pois bem: obtendo petróleo diretamente, na Bolívia não somente o pagariamos em cruzeiros (o que seria uma importante economia em divisas), mas também a preços mais acessíveis. Os gastos com transportes seriam muito menores, pois através da estrada de ferro Brasil-Bolívia e de oleodutos o petróleo poderia ser transportado de Santa Cruz de la Sierra ao porto de Santos com despesas mínimas. A Petrobrás e as refinarias particulares teriam, assim, menores gastos os quais possibilitariam a ampliação de suas instalações e de suas atividades.

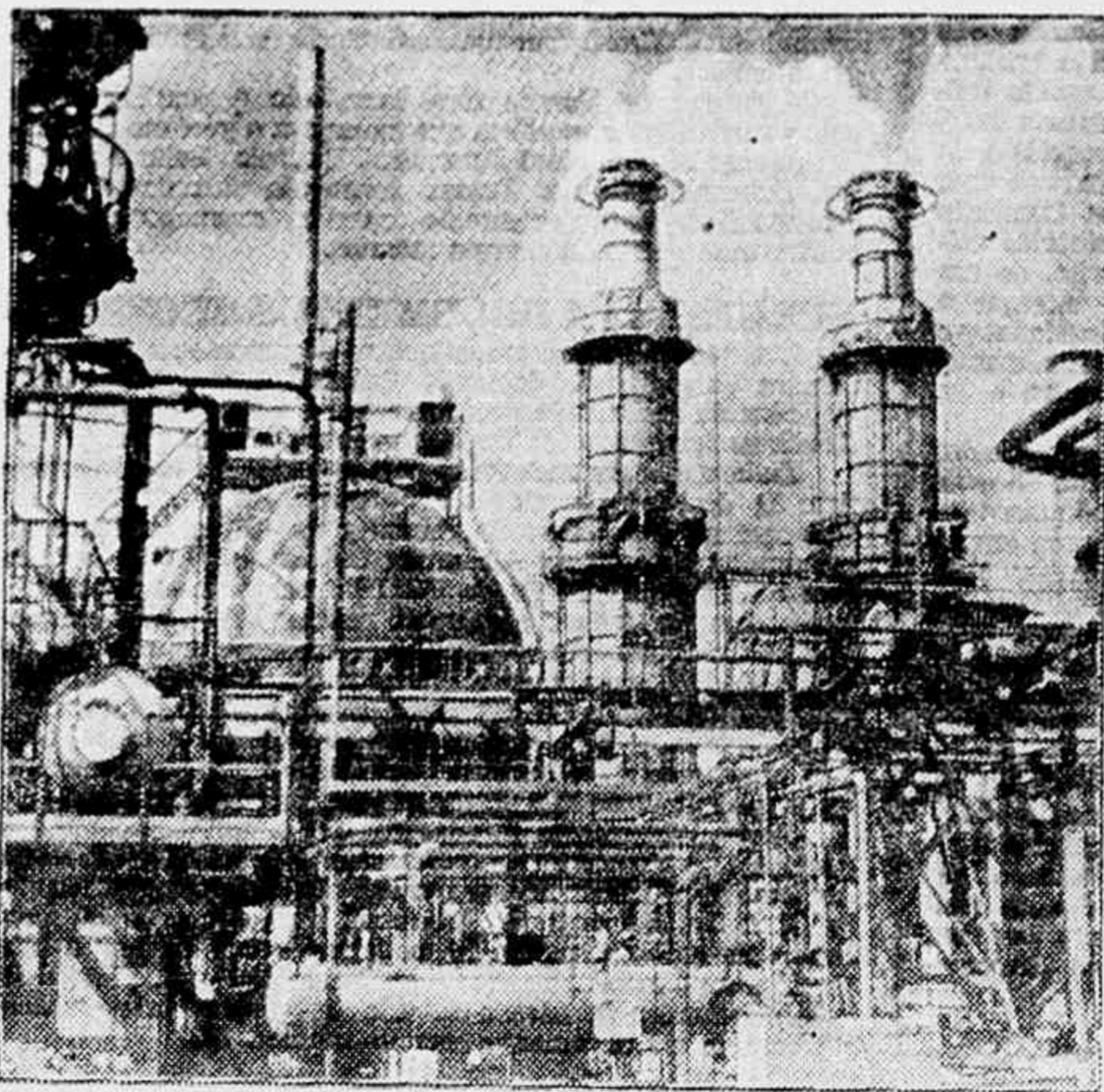
MEDIDAS URGENTES

Tudo isto torna urgente que o atual governo e a direção da Petrobrás mantenham a concessão obtida em Santa Cruz de la Sierra estudando desde já a exploração petrolífera daquela área e pondo em prática as medidas necessárias para concretizá-la.

OS TRATADOS COM A BOLÍVIA

Há tempos o governo brasileiro assinara, com o governo da Bolívia, dois tratados simultâneos: um, obrigando-o a construir a estrada de ferro Brasil-Bolívia (ligando Curitiba a Santa Cruz de la Sierra) e uma ponte, de 1.500 metros de extensão, sobre o rio Grande; o outro, pelo qual o governo boliviano autoriza a empresas mistas brasileiro-bolivianas a explorar uma área petrolífera de 3.200.000 hectares (maior que o Estado de Sergipe) na província de Santa Cruz de la Sierra. As despesas com a construção dos 654 quilômetros da estrada de ferro até aquela província e a da ponte sobre o rio Grande serão pagas, pela Bolívia, através do fornecimento de petróleo a ser extraído pelas empresas mistas brasileiro-bolivianas.

A estrada de ferro já foi construída, custando ao Brasil mais de 2 bilhões de cruzeiros. A ponte sobre o rio Grande (a maior da Bolívia) está por concluir-se. Mas, quanto à exploração do petróleo de Santa Cruz de la Sierra por empresas mistas brasileiro-bolivianas... nada se fez.



A refinaria de Cubatão poderia receber diretamente o petróleo da Bolívia, através de oleodutos e da estrada de ferro Brasil-Bolívia, realizando assim considerável economia de dólares.

HOMENAGEM A PEDRO MOTTA LIMA

JORNALISTAS de todas as tendências estiveram presentes à homenagem prestada, na ABI, a Pedro Motta Lima (terça-feira), festa que o sr. Herbert Moses, em seu discurso, disse ter como característica "o espírito de solidariedade que une, em defesa da liberdade de imprensa, todos os profissionais do jornalismo que fiéis a uma tradição brasileira, sempre se colocarem entre os que lutam pelas liberdades democráticas". Na homenagem ao diretor da "Imprensa Popular" fizeram além do presidente da ABI (também em nome do presidente do Sindicato dos Jornalistas, sr. Faís Guimarães), o Barão de Itararé, o poeta Manoel Araújo, os jornalistas Isaac Alencar, Luis Lana, Sady Geribaldi e Sá Benevides, os deputados Aurélio Steinbrück e Leonidas Cardoso, Anacleto de Faria. Pedro Motta Lima fez um apelo a todos os jornalistas para que se unam na salvaguarda da liberdade de imprensa, agora gravemente ameaçada pelos inimigos da democracia.

TRABALHOS SOBRE LÊNIN PUBLICADOS NA U.R.S.S.

Em livros, revistas e jornais são, nos últimos tempos, constantemente publicados na União Soviética trabalhos sobre a vida e a obra de Vladimir Ilitch Lênin, fundador do Partido Comunista e do Estado Soviético.

A revista "Komunist", em seu número 9, de junho deste ano, edita uma série de documentos inéditos de Lênin, escritos entre dezembro de 1922 e janeiro de 1923, entre os quais se encontra a "Carta ao Congresso" na qual analisa as equalidades e os defeitos de Stálin no trabalho partidário.

O Instituto de Marxismo-Leninismo, anexo ao Comitê Central do P.C.U.S., acaba de editar uma antologia sob o título de "Recordações sobre Vladimir Ilitch Lênin". Contém este livro recordações escritas por destacadas personalidades do Partido e do Estado

Soviético, por colaboradores e discípulos de Lênin, por pessoas de sua família e velhos membros do Partido, por ativistas do movimento operário internacional, por operários e camponeses. Na primeira parte das "Recordações", agora editada fôrem os irmãos de Lênin Dimitri Ilitch e Maria Ilitch; Nadeida Krupskina, esposa do grande líder revolucionário; o operário I. V. Babushkin, fiel discípulo de Lênin; e entre outras personalidades históricas e dirigentes políticos: Vorachilov, Molotov, os acadêmicos Kuznetsovski e Olga Leonchinskina, os historiadores Elena Stepanova e Emilian Iaroslavski, o líder operário e homem de Estado búlgaro Vassili Kolarov, o antigo ministro da Instrução soviético Lunatcharski. Trata-se de um livro cujo interesse político e histórico reveste-se de caráter internacional, destinando-se por isso a ser traduzido em vários países.

20 MILHÕES

Para os Jornais do Povo

QUE INTERESSES DITARAM O ÚLTIMO AUMENTO DO PÃO?

UMA CONSTANTE DA POLÍTICA DO SR. KUBITSCHEK: SACRIFICAR O POVO EM BENEFÍCIO DO TRUSTE E GRANDES MOINHOS - 604 MILHÕES, O LUCRO DO DUNG & BORN NO BRASIL

O recente aumento do preço do pão popular (blanque), de 25 por cento, vem mais uma vez caracterizar a política do sr. Juscelino Kubitschek como constante nos interesses do povo e subordinada aos interesses das trusts estrangeiras, das latifundiárias e grandes engenharias. O pão é uma alimentação indispensável ao povo. O dever do governo, portanto, é tomar medidas para que seja vendido a preços baratos, e impedir a especulação dos especuladores e panificadores.

O que ocorre, no entanto, é o contrário. O truste Dung & Born controla mais de 60% da capacidade da moagem instalada no país e monopoliza a distribuição da farinha de trigo. O governo concede aos moínhos direitos oficiais (colônias de C-25/12) para a importação de trigo estrangeiro, privilégio que torna seu preço muito inferior ao do trigo nacional. A duplicidade de preços é utilizada pelos moínhos para a prática de várias fraudes, em prejuízo da produção nacional, que não encontra comprador e não chega aos grandes mercados. Por falta de transporte e de silos, só uma parte desse produto é comercializada.

Se recentemente o governo quisesse resolver o problema do trigo e liberar o país das importações, já o poderia ter feito. Mas, na prática, o Serviço de Exportação do Trigo tem sido o subterfúgio da produção nacional, que luta contra a falta de máquinas agrícolas, de moinhos, de armatizantes e silos, e de transporte. Enquanto o trigo avança no sul, por falta de transporte e armazenamento, o governo se demoraliza em negociações em torno à construção de silos e transferência para a revenda das máquinas agrícolas em prejuízo para a distribuição de favores a grupos especuladores.

Chegando a esta situação os grandes moínhos tornam-se os beneficiários absolutos da questão. Já em 1952, o grupo Dung & Born detinha de um capital de Cr\$ 2.285.600.000 distribuído por mais de dez empresas (Moinho Fluminense, Moínhos Diogenenses, Granos Moínhos do Brasil, Moinho Santa, etc.). Seu lucro líquido conferido, naquele ano, foi de 604 milhões de cruzeiros (do Moinho Santa, 176 milhões, e do Moinho Fluminense, 160 milhões).

Se considerássemos, apenas para efeito de cálculo, que os moínhos não recebem fundos, verificamos que eles obtêm cerca de 4) por cento de lucro: produzem 120 quilos de farinha com 100 quilos de trigo (75% de trigo importado e 25% de trigo nacional), o que lhes cus-

ta Cr\$ 500,00; a despesa com ração de obra, transporte e impostos, atinge cerca de Cr\$ 100,00. Devido a que obtém com a venda de resíduos. A despesa total é, portanto, de aproximadamente Cr\$ 700,00 por cem quilos de farinha, que são vendidos aos panificadores por Cr\$ 970,00 e produzem quase 40 por cento de lucro.

Com esse quilos de farinha, os panificadores fabricam, no mínimo, 120 quilos de pão, que vendem ao consumidor por Cr\$ 2.100,00. Segundo os editais do COPAP, antes do aumento do pão os panificadores obtinham um lucro líquido (calculado com o pão popular, pois os outros pães, bolos, biscoitos, etc., têm o preço liberado) de 15,7 por cento. Agora, portanto, o lucro mínimo que os panificadores auferem — considerando os aumentos que gravaram a produção — é de 25 por cento.

Como se vê, o COPAP nem de longe considerou tais fatos essenciais. Prefere, em primeiro lugar, a garantia do truste, permitindo a manutenção da farinha, e, em seguida, à dos panificadores. O povo não foi considerado.

IMPRIMIR um novo impulso à Campanha dos 20 Milhões — tal é a tarefa que, ao iniciarem o segundo mês desta jornada pela melhoria da imprensa democrática, colhem ante os afluídos e amigos dos jornais populares, em todo o país. Não se pode considerar satisfatório o ritmo da arrecadação, até o momento, a quanto apresentada não atingiu os 50% previstos pela Comissão Nacional e que, além de comprometer a uma tarefa de trabalho, deveriam possibilitar aos jornais — particularmente às Imprensa Popular e a outras de caráter popular — a aquisição de máquinas e equipamentos e o financiamento de importantes reformas de redações existentes. É, pois, uma tarefa que precisa ser quantificada e superada. Isso significa que é imprescindível levar a Campanha às grandes massas — a todos os pontos possíveis — em todo o país, através do rádio, da imprensa, pela divulgação do total a ser arrecadado.



Uma interessante iniciativa do Departamento Cívico da Campanha dos 20 Milhões é a realização de shows nas portas de grandes empresas quando são apresentados números musicais e feita breve explicação do simbolismo e dos objetivos da Campanha. NA FOTO acima um grupo de artistas da Fábrica de Tecidos Esperança assiste com entusiasmo a "show" realizado em dias da semana passada.

- EM ATO público na sede da Associação Brasileira de Imprensa, com apoio de deputados, vereadores e outras personalidades, foi lançada, solenemente, a Campanha no Ceará.
- DEPUTADOS, vereadores e outras personalidades elaboraram um manifesto, lançando a Campanha no Paraná e encaminhando o povo a contribuir para a realização de um jornal de imprensa popular naquela Estado.
- EM PERNAMBUCO será realizada, em ligação com a Campanha, uma Exposição Industrial, nos dias 7, 8 e 9 de corrente. haverá bancas, quiosques e shows. Outros municípios pernambucanos que se chamam São Carlos, que realizará um Festival de Filmes.

realizada, em ligação com a Campanha, uma Exposição Industrial, nos dias 7, 8 e 9 de corrente. haverá bancas, quiosques e shows. Outros municípios pernambucanos que se chamam São Carlos, que realizará um Festival de Filmes.

- RIO VERMELHO (37%); Itarouai (32%); Alântica (30%); José Porfírio (51,60%).
- A COMISSÃO Mineira da Campanha nacional em 14 arrecadou mais de 700 mil cruzeiros da cidade de Belo Horizonte e prometeu a Comissão Nacional só receber 42 mil cruzeiros.
- POP IMPRENSARIA da Comissão Paulista arrecadou, no dia 4, a Campanha para a cidade de São Paulo. Votaram mais de 100 mil.
- SÃO CARLOS recebeu os seus primeiros adesivos da Filiz Ana Nery (100% da cidade).

Experiências de São Paulo

ORGANIZAM-SE NAS EMPRESAS OS TRABALHADORES DO ABC

A PALAVRA de ordem do Pacto de Unidade Intersindical do ABC Paulista, pela organização dos trabalhadores em empresas, vem ganhando a melhor aplicação entre os sindicatos do ABC. Nos dois últimos meses numerosos Comitês Sindicais foram constituídos, particularmente nos setores mais importantes do Estado. Os pontos de partida para a organização e a luta dos trabalhadores em empresas de diversos setores da produção são os seguintes:

Na Companhia ABC (Canta André), por exemplo, o pacto convocou a comissão da empresa (representando 100 operários) para uma reunião, a fim de estabelecerem os pontos de contato intersindical sobre a luta pela melhoria do salário e o desenvolvimento das greves, particularmente em conexão com a defesa do Estado, no âmbito da organização dos trabalhadores dentro

da empresa constituindo uma força capaz de lutar e vencer dor diante.

Na São Bernardo, tal como nos outros municípios do ABC, os sindicatos convocaram a todos os trabalhadores das linhas de produção para uma reunião. Na São Bernardo 100 operários foram convocados em greve, em protesto contra a falta de pagamento, sendo esse comunicado no Conselho de Luta e Conselho de Defesa. O protesto foi realizado em forma de greve, com a suspensão de trabalho e a suspensão de pagamento de salários. Para a realização de uma greve de 24 horas, os trabalhadores se organizaram de luta por uma greve.

Particularmente no caso das linhas de trabalhadores, está ocorrendo em condições de organização dos sindicatos do ABC. Um exemplo é o Sindicato dos Trabalhadores de Santa André, que tem em andamento uma luta pela melhoria do salário. O movimento dos trabalhadores de Santa André, que tem em andamento uma luta pela melhoria do salário, é um exemplo de luta dos trabalhadores e tem sido a organização dos sindicatos e comitês nas empresas. A organização de luta nos municípios do ABC, em geral, tem sido realizada por meio de reuniões, comitês de luta e greve. A organização de luta nos municípios do ABC, em geral, tem sido realizada por meio de reuniões, comitês de luta e greve.

Todos os problemas são discutidos democraticamente em reuniões semanais, das quais participam os delegados de todos os clubes.

(Correspondência de J. G. de Souza)

No bairro da Quarta Parada (S. Paulo)

Campeonato Promovido Pela SUCURSAL de «Notícias de Hoje» - VOZ OPERÁRIA

AS SUCURSAS de «Notícias de Hoje» - VOZ OPERÁRIA, instaladas nos principais bairros da cidade de São Paulo são um fator de aproximação entre os órgãos da imprensa popular e os leitores. Há um espírito de união e de solidariedade, atualmente, a SUCURSAL da Quarta Parada, com a realização do «Campeonato Notícias de Hoje», do qual participam todos os clubes do bairro.

O Campeonato surgiu por iniciativa do gerente da SUCURSAL, Joel Santos, que, desde antes, sempre enviava, regularmente, para o jornal, o noticiário dos clubes. Através desse noticiário regular, «Notícias de Hoje» tornou-se conhecido e admirado por centenas de jovens da Quarta Parada.

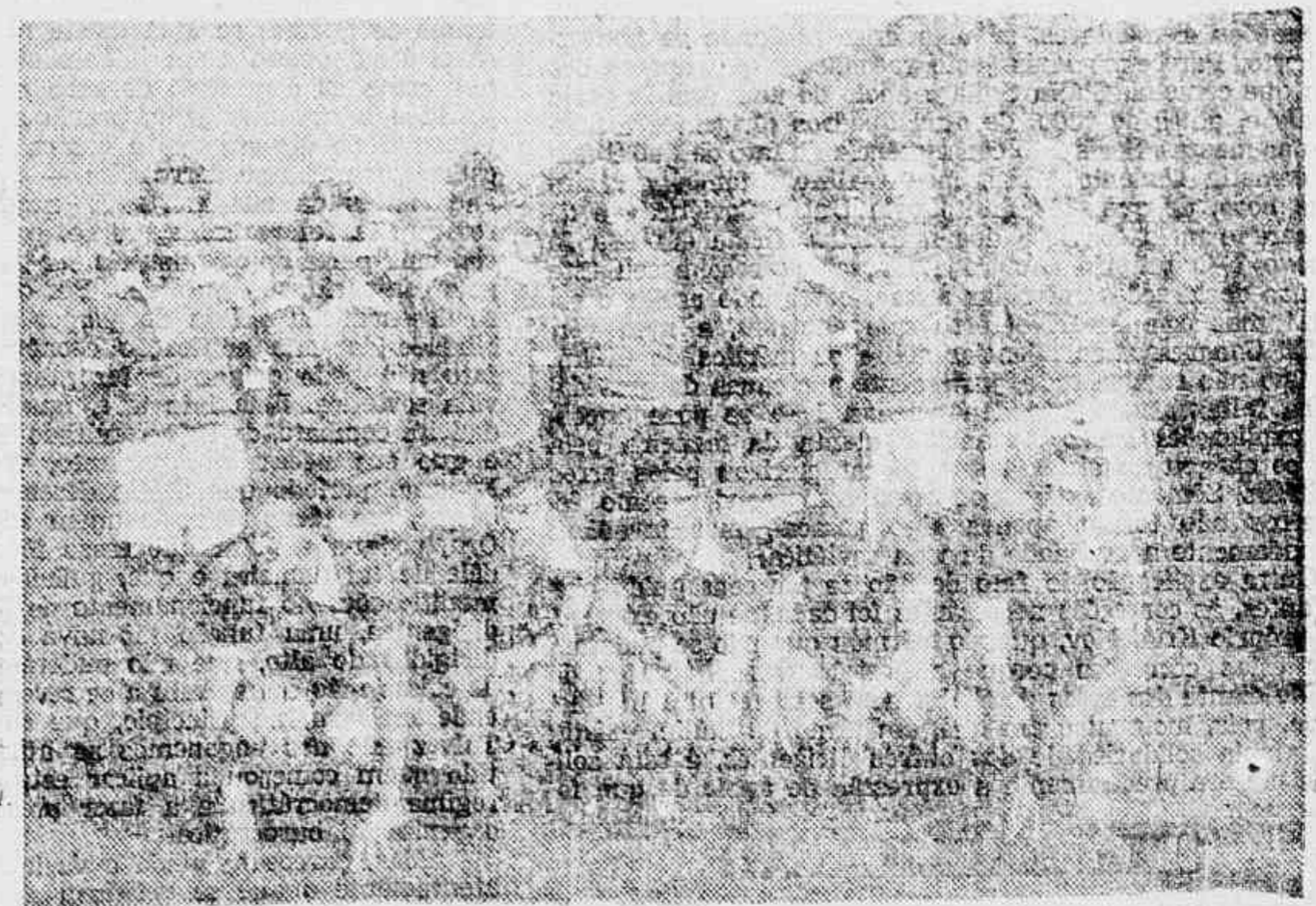
Após entendimentos com a SUCURSAL, o «Leão do Norte F. C.» e o «Leãozinho F. C.» convocaram o Campeonato. Uma reunião foi realizada (6 clubes presentes) para aprovar o regulamento e aceitar por todos os clubes do bairro (infantis) em número de nove. De comum acordo foi solucionada a questão financeira: cada clube que tinha o direito de inscrever trinta jogadores, pagaria uma taxa de

Cr\$ 500,00 destinada às despesas, compra de prêmios, etc. O dinheiro foi levantado através de rifas, ficando cada apostador com uma cota determinada de bilhetes. Os jogos se realizaram nos campos das agremiações.

No dia 10 de corrente realizou-se o Torneio Início do Campeonato, organizado-se com o «Juventus F. C.» vice-campeão e «Canta Brasil F. C. N.º 10» do corrente teve início a primeira rodada. O Campeonato prossegue.

A iniciativa desperta entusiasmo no bairro. Cada clube publica seus torcedores (mais de três mil pessoas assistiram ao Torneio Início) e a maioria da população da Quarta Parada acompanha a marcha do Campeonato Notícias de Hoje. O jornal publica o noticiário do campeonato nas edições de manhã e sábado, espalhando-se rapidamente nas bairros.

Os jogadores do Campeonato recebem uma comissão de 10% do valor da aposta. Cada jogador é inscrito em ficha própria e recebe uma senha para entrar em campo. O movimento financeiro é rigorosamente controlado.



Quadro do Urano F.C., campeão do Torneio Início do «Campeonato Notícias de Hoje»

I L E G Í V E L

OS PROBLEMAS DA DEMOCRACIA SOCIALISTA

Texto da Entrevista de PALMIRO TOGLIATTI a «Nuovi Argomenti»

(Concluimos neste número a publicação da integral da entrevista de Palmiro Togliatti à revista italiana «Nuovi Argomenti», publicação que iniciamos em nosso número anterior).

5) — *Acha que a ditadura pessoal de Stálin se realizou contra as tradições históricas e políticas russas e fora deturpada pelo erro de não ter sido, ao contrário, um desenvolvimento de tais tradições?*

6) — *Serviu-se a ditadura pessoal de Stálin, a fim de se consolidar e manter, de um conjunto de medidas corretivas que no Ocidente, desde a Revolução Francesa, são chamadas «terror»?* Julga que este «terror» tenha sido uma necessidade?

Respondo a estas duas questões ao mesmo tempo, pois, a partir da formulação concreta que limitaria a pesquisa a temas de ordem particular, elas permitem, se ultrapassarmos esta limitação, abordar o problema que logicamente se acrescenta neste ponto: o de saber-se como, na sociedade socialista, os erros denunciados pelo XX Congresso puderam ser cometidos e, portanto, como pôde errar e perder durante tanto tempo uma situação em que a vida democrática e a liberdade socialista sofreram contínuas, graves e amplas violações. Com isto se relaciona a questão da responsabilidade coletiva por esses erros de todo o grupo dirigente político, não cometidos os camaradas que hoje tomaram a iniciativa seja da denúncia, seja da correção do mal anteriormente praticado, bem como a questão das consequências deste mal.

A QUESTÃO DA SOLIDARIEDADE

A propósito desta responsabilidade solidária foram feitas duas explicações. Uma é a mais evidente: nós mesmos a apresentamos, nos discursos que se realizaram em nosso Partido. Formulamos também o camarada Courtade, numa série de artigos no «L'Humanité» (1) e, recentemente, se pôde dar crédito a que dizem os jornalistas, pelo camarada Kruhshov em resposta a uma pergunta que lhe foi dirigida durante uma recepção. Quando se percebeu a gravidade dos erros que cometera, o afastamento de Stálin do poder era juridicamente possível, mas praticamente impossível. Se esta questão tivesse sido efetivamente colocada, engendraria um conflito, e este conflito teria, provavelmente, comprometido a sorte da revolução e do Estado, contra o qual estavam voltadas as armas de todas as partes do mundo. Basta ter tido um contato, mesmo superficial, com a opinião pública soviética nos anos em que Stálin esteve à frente do país e acentuamos a situação internacional desses anos para se ficar em condições de reconhecer que tal constatação é exata. Hoje, por exemplo, os dirigentes soviéticos denunciam determinações errôneas e um momento de desânimo de Stálin durante a guerra. Mas, naqueles dias, quem, na União Soviética, teria compreendido e aceito, já não digo um afastamento, mas mesmo apenas uma limitação do poder de Stálin? Ter-se-ia produzido um desmoronamento se se tivesse observado ou realizado semelhante coisa. O mesmo teria sucedido noutras ocasiões. A constatação feita por Kruhshov explica, pois, as dificuldades que existiam para os que desejassem corrigir a situação criada, mas esta é, ao mesmo tempo, uma constatação que complica o quadro e, em substância, o agrava. Seríamos obrigados a admitir que os erros que Stálin cometera eram ignorados pela grande massa de quadros dirigentes do país e, em consequência, pelo povo, e isto não é verossímil: os erros não eram considerados tais por esta massa de quadros e, conseqüentemente, pela opinião pública que eles orientavam e dirigiam. Como se vê, exceto a explicação de que fosse impossível uma mudança, dada a presença de um aparelho militar policial e terrorista que controlava a situação por seus próprios meios. Este mesmo aparelho era formado por homens que, num caso grave como o da agressão de Hitler, por exemplo, teriam sido dominados, também, por reações elementares, se uma crise profunda se houvesse aberto. Parece-me mais justo reconhecer que, apesar dos erros que cometia, Stálin tinha o apoio de uma grande parte do país e, antes de tudo, de seus quadros dirigentes e também das massas. Seria isto consequência do fato de que Stálin não cometia somente erros, mas realizava também várias coisas boas, de que éfz muito pela União Soviética e de que era o mais convicto dos marxistas. Firme em sua fé no povo? O próprio camarada Kruhshov reconheceu este fato nas declarações referidas acima, corrigindo, assim o estranho mas compreensível erro que cometera, a meu ver, no XX Congresso ao silenciar sobre os méritos de Stálin. Mas isto não explica tudo, justamente por causa da gravidade das faltas atualmente denunciadas. Não se pode encontrar explicações senão na análise atenta da maneira pela qual se chegou ao sistema que se caracterizou pelos erros de Stálin. Somente assim poder-se-á compreender como estes erros não foram apenas algo pessoal, mas invadiram profundamente a realidade da vida soviética.

Outra explicação do fato de não se ter conseguido chegar, antes, às correções necessárias foi dada, se não exagero, pelo próprio Kruhshov, quando afirmou que não se puderam fazer estas correções porque a posição dos dirigentes do Partido diante dos erros de Stálin nem sempre foi a mesma. Houve, pois, momentos em que, em torno de Stálin, existiu uma ampla solidariedade dos outros dirigentes, e esta solidariedade era precisamente a expressão do apoio de que fazíamos acima.

UMA EXPLICAÇÃO NÃO SATISFATORIA

É necessário reconhecer aqui, abertamente e sem hesi-

tação, que se o XX Congresso deu uma contribuição enorme à formulação e à solução de numerosos, sérios e novos problemas do movimento democrático e socialista, se aminha a uma etapa muito importante no desenvolvimento da sociedade socialista, não se pode, entretanto, considerar satisfatória a posição tomada no Congresso e agora amplamente desenvolvida na imprensa soviética, no que se refere aos erros de Stálin, às causas e condições que os tornaram possíveis. A causa de tudo residiria no culto à personalidade, e no culto a uma pessoa que teve deficiências muito graves, que carecia de modestia, tendia ao poder pessoal e, muitas vezes, se equivocava por incompetência, que não era fiel em suas relações com os outros dirigentes, tinha uma louca mania de grandeza e um excessivo amor próprio, que era desconfiado ao extremo e que, por fim, através do exercício do poder pessoal, chegou a se afastar do povo, a negligenciar seu trabalho e até a se deixar dominar por uma forma evidente de mania de posse. Os atuais dirigentes soviéticos conheceram Stálin melhor que nós (talvez talvez oculto, neutras circunstâncias, de falar de alguns contatos que tive com ele) e devemos, por isso, acreditar quando hoje o decerem assim. Alguns podemos pensar, entre nós, que, já que era assim, a partir da impossibilidade de realizar em determinado tempo uma modificação, eles poderiam, pelo menos, ter sido mais prudentes na avaliação pública e solene deste homem, à qual nós haviam habituado. É verdade que hoje se critica, e é isto é o seu grande mérito, mas esta crítica perdura, em dúvida, algo de seu prestígio. Mas, isto à parte enquanto nos limitamos, em substância, a denunciar como causa de tudo os defeitos pessoais de Stálin permanecemos no domínio do culto à personalidade. Antes, todo o bem era devido às sobre-humanas qualidades positivas de um homem; agora, todo o mal é atribuído a seus defeitos, também excepcionais e assombrosos. Num caso ou noutro caso, entramos fora dos critérios de julgamento que são característicos do marxismo. Omitemos os verdadeiros problemas, tais os de como e por que a sociedade socialista pôde chegar e chegou a certas formas de afastamento do caminho democrático e da legalidade que ela se havia traçado, e mesmo de desorganização. O estudo deverá ser feito acompanhando-se as diferentes etapas do desenvolvimento desta sociedade, e são, antes de tudo, os camaradas soviéticos, que devem fazê-lo, porque conhecem os fatos melhor que nós, que nos podemos enganar em conseqüência de um conhecimento parcial ou errôneo dos fatos.

Lembramo-nos, antes de tudo, que Lênin, em seus últimos discursos e escritos, tinha dado ênfase ao perigo de burocratização que ameaçava a nova sociedade. Não nos parece devido o que os erros de Stálin estejam ligados a um aumento excessivo do peso dos aparelhos burocráticos na vida econômica e política soviéticas, e talvez, antes de tudo, na vida do Partido. É difícil dizer, aqui, qual a causa e qual a consequência. Uma terceira, pouco a pouco, a expressão da outra. É necessário também relacionar este peso excessivo da burocracia com uma tradição que provém das formas de organização política e dos hábitos da velha Rússia? Talvez não o possamos excluir e creio que Lênin escreveu alguma coisa a respeito. Não esqueceremos, porém, que o pessoal dirigente, depois da revolução, mudou totalmente ou quase totalmente. Por outro lado, o fato de haver surgido um novo tipo de direção burocrática do solo da nova classe dirigente, no momento em que ela executava tarefas absolutamente novas, interessa-nos muito mais que a avaliação dos resíduos do velho estado de coisas.

AS QUESTÕES DE PRINCÍPIO NA ORIGEM DOS ERROS

Os primeiros anos após a revolução foram, por outra parte, anos duros, terríveis, de dificuldades objetivas sobre-humanas, de intervenção estrangeira, de guerra e de guerra civil. Um máximo de centralização do poder, bem como a adoção de medidas repressivas radicais para esmagar a contra-revolução foram, então, absolutamente necessários. Era inevitável, nesse período, que se chegasse ao que sucede em tempo de guerra: a um julgamento sumário. O próprio Lênin não se submeteu a um julgamento sumário. O próprio Lênin como se desprende de uma carta que enviou a Dzerjinski e agora divulgada, previa a necessidade de uma reviravolta no dia em que a contra-revolução e a intervenção estrangeira fossem derrotadas — o que se verificou alguns anos antes de sua morte. É necessário verificar se esta reviravolta foi realizada, ou se, como se por força da inércia, uma parte do que deveria ser modificado ou abandonado, pelo contrário, se consolidou. Por outro lado, nesse momento se desencadeou a luta de grupos que contestavam a possibilidade de uma edificação econômica socialista — e este fato não pôde deixar de ter grande influência em toda a vida soviética. Esta luta teve, igualmente, o caráter de verdadeiro combate, de cujo resultado dependia a sorte do poder e que era necessário, portanto, vencer a qualquer preço. É neste período que Stálin desempenha um papel positivo e que, em torno dele, se unem as forças boas do Partido. Ora, poder-se-á notar que essas forças se uniram em torno dele de tal maneira e que, guiadas por ele, aceitaram tais modificações no funcionamento do Partido e de seus órgãos dirigentes, uma função tão nova dos aparelhos do Partido dirigidos do alto, que não puderam mais se opor, quando as coisas mais começaram a se revelar; ou então não compreenderam bem, no princípio, que se tratava de coisas más. Talvez não nos enganemos se afirmarmos que foi o Partido quem começou a aplicar estas daninhas limitações do regime democrático e a fazer prevalecer certas formas de organização burocrática.

Mas, parece-me ainda mais importante que se examine atentamente o que se verificou a seguir, quando da realização do primeiro plano quinquenal e da coletivização da agricultura. Abordamos aqui, com efeito, verdadeiras questões de princípio. Os êxitos obtidos foram algo muito grande, e mesmo grandioso. Uma grande indústria socialista foi

criada, sem ajuda ou créditos do estrangeiro, pela aplicação e desenvolvimento das idéias íntimas de nova sociedade. A estrutura social do campo foi transformada, se bem que de maneira menos segura, através de dificuldades consideráveis, uma prosa excessiva e erros. Os resultados obtidos eram alguma coisa, talvez vista no mundo e que poucas pessoas, fora da União Soviética, teriam julgado possíveis. Foi a confirmação retumbante da vitória revolucionária de Outubro, e da justa linha política sustentada contra os opo- sitores e inimigos de toda espécie. Não obstante foi também o momento em que começaram a se manifestar algumas orientações errôneas que deveriam ter, posteriormente, graves e prejudiciais conseqüências. Na exaltação dos êxitos obtidos, prevaleceu uma tendência ao exagero, a considerar como desde então resolvidos todos os problemas e como superadas as contradições objetivas, as dificuldades e os contrastes que, entretanto, são sempre inerentes à construção de uma sociedade socialista. Esta tendência manifestou-se, particularmente, na propaganda corrente, mas também nas posições gerais. Estas condições objetivas, estas dificuldades, estes contrastes são, muitas vezes no curso da construção de uma sociedade socialista, muito graves; não podem ser superados se não foram reconhecidos abertamente, convencidos nas próprias massas operárias e trabalhadoras e enfrentados e a resolvê-los por seu trabalho, por sua atividade criada. Aquela época teve-se, pelo contrário, a impressão, na União Soviética, de que, ainda que conhecessem bem a realidade das coisas, os dirigentes soviéticos não se aperceberam da maneira correta no partido e no povo, talvez por temor, de reduzir, de algum modo, a grandeza das vitórias obtidas. Numa escola do Partido onde se encontravam estudantes por nós ali enviados, um certo debate, que durou meses e meses, foi travado contra alguém que exaltava os «sacrifícios» suportados pelos operários russos pelos êxitos do plano quinquenal: não se devia falar em sacrifícios, dizia, pois, que poderiam pensar os operários no Ocidente? Mas sacrificios foram suportados porque as condições de vida nos anos do primeiro plano foram muito duras; a classe operária não se atemoriza, absolutamente, se se lhe explica que um esforço e um sacrifício são necessários para a construção do socialismo; pelo contrário, isto estimula e exalta o espírito de classe de sua vanguarda. É um pequeno episódio este, mas demonstra, como diziamos, uma orientação errônea de princípio, porque é um erro de princípio acreditar que, tendo obtido seus primeiros grandes êxitos, a construção socialista avance por si mesma, e não pelo zelo de contraditões de um novo tipo, que devem ser resolvidas no quadro da nova sociedade, graças à ação das massas e do Partido que as dirige.

Disse o correram, a meu ver, duas conseqüências principais. A primeira é a de haver esterefecido a atividade das massas, nos lugares e nos órgãos (do Partido, dos sindicatos, das fábricas, dos soviets) onde as dificuldades reais e novas da situação deviam ter sido enfrentadas, e onde, pelo contrário, se impuseram logo documentos e discursos cheios de declarações pomposas, de frases feitas, etc., mas, na realidade, frios e ineficazes, porque desprovidos de contatos com a vida; o verdadeiro debate criador iria desaparecer pouco a pouco e, conseqüentemente, a própria atividade das massas tendia a se reduzir, movimentando-se mais de acordo com as diretrizes baixadas de cima, que seguindo seu próprio impulso. Mas a segunda conseqüência foi ainda mais grave: quando a realidade retomava seus direitos, e as dificuldades se revelavam como resultado dos desequilíbrios e dos contrastes que ainda permaneciam nas coisas, surgiu uma tendência que terminou, aos poucos, por prevalecer sobre tudo; a tendência a considerar que sempre, e em todos os casos, o mal, a parada na aplicação do plano as dificuldades no abastecimento, no fluxo de matérias primas, no desenvolvimento dos diversos ramos da indústria ou da agricultura, etc., eram devidos à sabotagem, à ação do inimigo de classe, de grupos contra-revolucionários que agiam clandestinamente, e assim por diante. É preciso dizer que estas coisas estavam erradas? Sim, também é preciso. A União Soviética estava cercada por inimigos implacáveis, dispostos a recorrer a todos os meios para prejudicá-la e entrar na situação objetiva conduziu à perda do senso dos limites, ao afastamento da nação do limite que separa o bom do mau, o amigo do inimigo, a incerteza ou a fraqueza da hostilidade consciente e da traição, os contrastes e as dificuldades que emanavam das coisas, dos próprios contrastes e dificuldades que emanavam das coisas, com sua tese errônea sobre o crescimento necessário dos inimigos e do agravamento da luta de classes paralelamente ao progresso da construção socialista. Foi isto o que tornou permanente a confusão e a agravou: foi esta a origem das violações inauditas da legalidade socialista, hoje publicamente denunciadas. É necessário, entretanto, orientar as investigações mais em profundidade para compreender-se como estas posições puderam ser aceitas e tornar-se populares; e um dos sentidos da pesquisa deveria ser o que indicamos, se se deseja tudo compreender. Stálin foi, ao mesmo tempo, a expressão e o autor de uma situação, e o foi tanto porque se revelou o mais experimentado organizador e dirigente de um aparelho de tipo burocrático no momento em que este aparelho prevaleceu sobre as formas da vida democrática, como por haver fornecido uma justificação doutrinária do que era, na realidade, uma orientação errônea, a qual serviu de sustentáculo de seu poder pessoal, ao ponto de fazê-lo assumir formas de degenerescência. Tudo isso explica o consenso que o cercou, que durou até o seu desaparecimento e que talvez ainda guarde uma certa eficácia.

OS ÊXITOS DO SOCIALISMO

Não esqueçamos, de outra parte, que mesmo quando se estabeleceu este poder pessoal não faltaram êxitos à sociedade soviética. Houve-o no domínio econômico, no domínio político, cultural, militar e das relações internacionais. Ninguem poderá negar que a União Soviética, em 1953, era incomparavelmente mais forte, mais desenvolvida em todos os sentidos, mais sólida no interior e tinha mais autoridade no estrangeiro do que, por exemplo, à época do primeiro plano quinquenal. Como foi possível que tantos erros não tenham

impedido êxitos? Aqui também compete aos dirigentes reconhecer, compreendendo que este é um dos problemas essenciais. Até que ponto, a partir de que momento, as limitações dos erros de Stálin comprometeram a linha do Partido, criaram dificuldades, e como foi possível, apesar dos erros, conseguiu-se marchar para a frente, de que conhecemos, não podemos mais do que fazer algumas afirmações gerais, discrotas e revê-las, se possível. Parece-nos necessário reconhecer que a linha construída do socialismo continuou a ser justa, e que os erros denunciados se justificam mais pelo caráter limitado que a restrição e em alguns casos o próprio caráter da vida democrática, é algo essencial quanto à construção de uma linha política. Parece-nos, em todo caso, importante que a burocratização do Partido, dos órgãos do Partido, dos sindicatos, e sobretudo, dos órgãos da periferia, são mais importantes, deve ter freio, limitado, como o pensamento criador do Partido, a atividade das massas e o funcionamento democrático do Estado e o impulso de toda a sociedade, causando assim prejuízos importantes. Outra parte, os próprios êxitos obtidos, na guerra e no pós-guerra, testemunham uma imensa capacidade de trabalho, de entusiasmo e de iniciativa nas massas populares, em qualquer situação, e uma vitalidade das massas em objetivos que a política do Partido servia ao país, e que foram realmente alcançados ao seu trabalho. É difícil falar, por exemplo, que não teria sido capaz de resistir, restabelecer e desenvolver, com Hitler nos subúrbios de Moscou e depois na Volga, e com as restrições terríveis do período de guerra. Devemos, pois, concluir que a existência do princípio não se tinha perdido, porque nenhuma das condições necessárias foi perdida, nem particularmente a adesão das massas operárias, camponesas e intelectuais que formam a sociedade soviética. Esta mesma análise, que, apesar de tudo, a sociedade soviética possui seu caráter democrático fundamental.

CRITÉRIO MARXISTA

As várias vezes que a tarefa de encarar algumas das questões que formulamos e de fornecer os elementos para a pesquisa de conjunto cabia aos camaradas soviéticos, para seus desenvolvimentos nas críticas ao culto à personalidade, principalmente através da correção de julgamentos históricos e políticos errôneos sobre os fatos e as pessoas, há a destruição de mitos e lendas criados com o intuito de salvar uma pessoa. Está muito bem, mas isto não é o que se deve esperar deles. O mais importante, para responder, de maneira justa à base de um critério marxista, a pergunta: como os erros atualmente denunciados afetaram com o desenvolvimento da sociedade socialista, portanto, se no próprio desenvolvimento desta sociedade houve, num dado momento, a intervenção de elementos diversos de erros de ordem geral, contra o que se criou por em guarda todo o campo do socialismo, como tal todos os que já estão em vias de construção de seu próprio caminho e os que ainda se procuram de seu caminho próprio. Podemos, portanto, de acordo sobre o fato de que o problema central da salvaguarda das características democráticas da sociedade socialista, mas as modalidades pelas quais as características democráticas da sociedade socialista, da liberdade interna e do papel dirigente do Partido se ligam ao funcionamento democrático do Estado, e pelas quais um elemento num desses domínios pode repercutir em todos os domínios — eis o que é preciso estudar a fundo e esclarecer.

OS PARTIDOS COMUNISTAS E A QUESTÃO DOS PROCESSOS

7) *À que atribui o fato de os comunistas de todos os países acreditarem na versão stalinista oficial dos fatos e conspirações?*

Comunistas de todo o mundo tiveram, sempre, uma confiança no Partido Comunista soviético e em seus dirigentes. Onde emanou esta confiança é evidente por si mesma em momentos decisivos da história e nas questões decisivas do movimento operário e da política internacional, a posição dos comunistas soviéticos foi a posição justa. A revolução de 1917, pela qual tomaram o poder, despertou o entusiasmo de milhões de pessoas, que se comprometeram a defender e a lutar pela construção socialista. Foi isto o que tornou permanente a confiança e a agravou: foi esta a origem das violações inauditas da legalidade socialista, hoje publicamente denunciadas. É necessário, entretanto, orientar as investigações mais em profundidade para compreender-se como estas posições puderam ser aceitas e tornar-se populares; e um dos sentidos da pesquisa deveria ser o que indicamos, se se deseja tudo compreender. Stálin foi, ao mesmo tempo, a expressão e o autor de uma situação, e o foi tanto porque se revelou o mais experimentado organizador e dirigente de um aparelho de tipo burocrático no momento em que este aparelho prevaleceu sobre as formas da vida democrática, como por haver fornecido uma justificação doutrinária do que era, na realidade, uma orientação errônea, a qual serviu de sustentáculo de seu poder pessoal, ao ponto de fazê-lo assumir formas de degenerescência. Tudo isso explica o consenso que o cercou, que durou até o seu desaparecimento e que talvez ainda guarde uma certa eficácia.

Os erros cometidos por Stálin na direção do Partido Comunista soviético também contribuíram certamente porque limitavam a liberdade e a vida democrática no campo do Partido, a tornar algo exterior e formal as relações entre os comunistas soviéticos e os dos outros países, a criar um afastamento em por isso diminuir a confiança mútua e, portanto, nos fatos que hoje são denunciados não tinhamos, nem podíamos ter nenhuma noção. Isso pelo menos no que nos diz respeito. Outros partidos, principalmente nos países de democracia popular, alguns dos erros de Stálin foram, após a guerra, repetidos mecanicamente, assim como teve-se provavelmente a tendência de transferir e aplicar mecanicamente esses fatos para a experiência e toda a prática soviéticas. (Conclui na página 5)

de confiança e de plena solidariedade com os comunistas soviéticos, mas ainda a firme convicção de que esta solidariedade era o traço característico de um movimento proletário verdadeiramente revolucionário. E isto era profundamente verdadeiro. Nenhum de nós tem medo de se arrender desta visão de confiança e solidariedade. Foi isto que nos permitiu, trabalhando e lutando nas condições de nossos próprios países, exprimir e dar uma forma política e de organização no novo impulso revolucionário que a Revolução de Outubro havia suscitado na classe operária, e que os programas na construção de uma sociedade socialista na União Soviética mantinham, ampliam, tornavam cada vez mais consistente de si mesmo. As formas, as modalidades, o caminho prático desses êxitos não foram todavia objeto de discussão entre nós e não até um certo momento, que se pôde localizar, aproximadamente nos anos da realização do primeiro plano quinquenal e da coletivização da agricultura. Nos dez ou quinze anos que precederam a esse período, o debate entre os comunistas russos sobre os caminhos de desenvolvimento da revolução, a possibilidade de uma transformação socialista e as formas desta transformação, transferiu-se a todo o movimento comunista, o que contribuiu para a derrota dos grupos de oposição (trotskista e de direita). Não nego que esta luta e esta participação puderam ter tido também, em determinados momentos, em certos países e em certas condições, algumas repercussões negativas em nosso movimento. Aliado às lutas de frações, algumas vezes artificialmente atizadas, a julgamentos políticos algumas vezes exageradas, etc. Aliás que têm possibilidade, revejam os discursos que pronunciei, por exemplo, no VI Congresso do Internacional, em 1928, e encontramos ali a crítica de alguns desses fatos: ou referam o que Dimitroff disse no VI Congresso. No conjunto, entretanto, a educação política de nosso movimento se fez no curso desses debates, que abrangiam os temas mais importantes de nossa ideologia e de nossa política. Foi ao passar por esses debates que nosso movimento se encaminhava para a sua maturidade.

A DEMOCRACIA NO REGIME SOVIÉTICO

A seguir, começo em nossos partidos a falar cada vez menos as questões que se apresentavam aos camaradas soviéticos na construção de uma sociedade socialista; isto porque os camaradas soviéticos não mais nos apresentavam estas questões sob um ângulo problemático como o faziam antes, mas quase como etapas de um progresso já em marcha, e cujo curso não mais suscitava problemas novos e profundos. Iríamos chegando, de resto, ao período em que o movimento comunista, fora da União Soviética, de tal modo se fortalecera que já podia sair do domínio de simples agitação e propaganda corrigir muitas faltas cometidas antes da chegada de Hitler ao poder e desenvolver uma ação política positiva na luta contra o fascismo, contra a guerra que se preparava para tentar salvar a República espanhola, pela unidade do movimento operário e democrático, etc. As condições que aconselhavam, posteriormente, no curso da guerra, a dissolução da Internacional Comunista, estavam em vias de se criar.

Penso que os processos a que se refere a pergunta te explicarei a seguir o valor deste limite se situam dentro deste período em que se lutava na Espanha, pela frente popular, e da Espanha, de armas nas mãos e em que a política internacional da União Soviética se desenvolvia com plena eficiência na defesa da democracia e da paz. Os dirigentes comunistas não possuíam nenhum elemento que pudesse autorizá-los a duvidar da legalidade dos julgamentos, tanto mais quanto sabiam que os dirigentes dos velhos grupos de oposição (trotskistas e de direita), derrotados politicamente e diante das massas não eram contrários à continuação da luta através de meios terroristas, o que também se verificava fora da União Soviética. (Em Paris, em 1934, um dos nossos melhores militantes Emilio Montanari, de Reggio Emilia, foi assassinado friamente por um trotskista. Casos semelhantes aconteceram noutras partes).

O fato de que todos os acusados confessassem provocou, sem dúvida, espanto e discussão também entre nós porém nada mais. Não é ainda claro, para nós, se as denúncias que se fazem a partir de violação da legalidade e de aplicação de métodos de instrução não legítimos e moralmente repugnantes, se estendem a todo o período dos processos, ou somente a um período determinado, mais recente em relação ao que lembrei, a denúncia de excessos no emprego de meios repressivos extraordinários, e a decisão de corrigi-los, já tinham sido apresentadas, de resto, a uma assembleia nacional do Partido Comunista da União Soviética, e encontraram aprovação unânime. O grave é que esta decisão não foi respeitada, e que, ao contrário, sob certos aspectos, as coisas pioraram posteriormente, havendo nisso uma imperceptível falta pessoal de Stálin.

ABRIR O CAMINHO A UM NOVO CURSO

Quanto aos processos iniciais, os únicos, repito, que tivemos meios de acompanhar, pois os processos seguintes, em geral, não foram públicos, minha opinião, hoje é que os dois elementos coexistiam: isto é, as tentativas dos opositoristas de conspirar contra o regime e de cometer ações terroristas, de um lado e de outro lado, a aplicação de métodos de instrução ilegais moralmente condenáveis. Naturalmente, o primeiro fato não atenua a gravidade do segundo.

8) *Uma crítica ao culto à personalidade foi feita de cima seri uma consulta popular prévia, de autoridade. Julga que isto é uma prova de que o stalinismo não está morto, como muitos o afirmam?*

As opiniões que transmito e que, em substância, tenho exposto, me levam a julgar inevitável que a correção e a crítica dos erros de Stálin partisse de cima. A própria restrição à vida democrática no Partido e no Estado, que era o conteúdo e a consequência de seus erros e o consenso de que Stálin estava cercado, era de modo que uma crítica de baixo só se verificasse muito lentamente e se desenvolvesse de maneira confusa, não isenta de roturas perigosas.

O fato pode parecer desagradável, mas decorre de tudo o que se produziu anteriormente. Era bem savia do grupo dirigente, convencido da necessidade de liquidar o que havia de metafísico e de mudar o curso das coisas, abrir caminho a este novo curso através de uma crítica energética de cima, ademais de uma primeira correção efetiva dos erros mais graves. A reeducação para uma vida democrática normal, de acordo com a revolução estabelecida por Lenin durante os primeiros anos do movimento, isto é, a reeducação para a iniciativa no domínio das idéias e na prática, para a pesquisa, o debate vivo, dentro deste grau de tolerância aos erros que é indispensável ao esclarecimento da verdade, a plena independência das opiniões e do caráter, etc., de todo um quadro partidário de algumas centenas de milhares de homens e mulheres, e através de todo o Partido, e através da vida civil não ainda muito diferentes da região a região, eis ali uma tarefa excessivamente pesada, que não poderia ser completada nem em três anos de trabalho, nem por um congresso. Penso que é mesmo exagerado afirmar que tudo seja apenas questão de tempo de elaboração de nova orientação e de sua realização. Não me parece possível excluir a inserção neste novo curso da vida soviética de debates importantes e novos, que deveriam precisar melhor a significação histórica dos erros cometidos e das correções indispensáveis que deveriam conduzir a uma exata avaliação do princípio, política e prática, de uns e de outros. Parece-me, em suma, que os erros de Stálin devem ser corrigidos, no curso deste amplo desenvolvimento, por um método que difere profundamente do seguido pelo próprio Stálin no período de sua vida em que abandonou as justas normas de funcionamento do Partido e do Estado. Quanto mais for assim, maior será o progresso. O que desejamos é que os nossos sejam feitas, sem hesitações, corajosamente, e que deste trabalho, como deve resultar um novo impulso da sociedade socialista, para a frente, em todas as direções, numa breve democracia ampla, sa, cheia de novas e ricas pulsões vitais.

9) *— Acha que a crítica ao culto à personalidade conduziu a uma modificação nas relações entre a URSS e as democracias populares, entre o Partido Comunista russo e os Partidos Comunistas dos outros países, e, em geral, entre a URSS e o movimento operário internacional?*

Espero que não haja ninguém, na Itália pelo menos, que dê ainda crédito a alguma espécie de parados comunistas que ocorreram em Moscou, paradas, instigadas diretamente, ordenadas. Se existem algumas dessas pessoas, é fácil escrever para elas, pois é evidente que têm uma cabeça muito dura, que são absolutamente incapazes até de se aproximar da compreensão dos problemas do movimento operário atual. Escrevemos, pois, para as outras.

Nos primeiros anos que se seguiram à primeira guerra mundial, a título da formação da Internacional Comunista, não na âmbito de que as principais questões do movimento operário e dos partidos do movimento comunista em cada país, tinham sido amplamente debatidas em Moscou, nos Congressos e nos reuniões internacionais, de onde saíram orientações precisas. Neste período pode-se dizer que existia uma direção centralizada do movimento comunista, cuja responsabilidade principal recaía sobre os camaradas russos, assessorados por embaixadas provenientes de outros países. Logo, entretanto, o movimento começou a progredir sozinho, e a decisão de nosso Partido de se retirar da assembleia aventurária de nos anos, e de voltar ao Parlamento, foi tomada por nós em contraste muito claro com o conselho dado pelos dirigentes da internacional, que dizia o contrário. A época do VI Congresso (1953), os partidos que se uniram fortaleceram, e que estavam bem unidos e dirigidos, se sentiam que um centro internacional não podia mais que elaborar opiniões gerais sobre a situação e as tarefas de nosso movimento, porém que a decisão e a realização política prática deviam ser obra dos diferentes partidos, que esta obra devia ser plenamente confiada a sua iniciativa e responsabilidade. Foi assim que atuamos, na França e na Espanha, principalmente no período das grandes lutas entre 1934 e 1939, durante a guerra e logo nos anos do pós-guerra. Se os comunistas seguiram na grande estera da política internacional da União Soviética, e que estavam convencidos de que esta política era justa — e ela o foi, efetivamente.

O BUREAU DE INFORMAÇÃO

O Bureau de Informação, constituído em 1947 com tarefas bem diversas das que tivera a Internacional, realizou, essencialmente duas coisas: a primeira, boa, a segunda, má. A primeira consistiu em orientar e formular a política do movimento operário na resistência e na luta contra os planos de guerra de imperialismo. A segunda foi a criação de uma intervenção contra os comunistas iugoslavos. Ele não fez nada, com exceção de um boletim público, utilização unicamente com o fim de informação. A nós, italianos, por exemplo, jamais aconteceu, salvo durante a reunião para a fundação do Comitê, ter de discutir nesse boletim temas de assuntos internacionais. Todas as iniciativas que tomamos depois da guerra foram nossa obra exclusiva e, talvez, mesmo, não plenamente compreendidas pelos camaradas dirigentes dos outros partidos comunistas, porque eram ditadas pelas condições em que trabalhamos, nós na Itália, por condições absolutamente peculiares. Hoje, ademais o próprio Bureau de Informação foi dissolvido, pelos motivos amplamente expostos.

Os erros cometidos por Stálin na direção do Partido Comunista soviético também contribuíram certamente porque limitavam a liberdade e a vida democrática no campo do Partido, a tornar algo exterior e formal as relações entre os comunistas soviéticos e os dos outros países, a criar um afastamento em por isso diminuir a confiança mútua e, portanto, nos fatos que hoje são denunciados não tinhamos, nem podíamos ter nenhuma noção. Isso pelo menos no que nos diz respeito. Outros partidos, principalmente nos países de democracia popular, alguns dos erros de Stálin foram, após a guerra, repetidos mecanicamente, assim como teve-se provavelmente a tendência de transferir e aplicar mecanicamente esses fatos para a experiência e toda a prática soviéticas. (Conclui na página 5)



**Greve Dos Têxteis de Foz de Iguaçu
Depois o Pagamento
do Salário-Mínimo**

CERCA de 6.000 trabalha-
dores entraram em greve quan-
do a empresa Santa Ce-
cília tentou pagar aos seus
operários o salário-mínimo
de Cr\$ 1.150,00, no mês de
Cr\$ 2.250,00 devidos a 14
de julho. O empregado pro-
testou a bordo pelas patrões
e o da que esperavam o
juízo do mandato de
segurança impedido para
adiar o pagamento do novo
salário.

ve, vários pontos foram en-
ganados para impedir a en-
trada dos caminhões na
fábrica Santa Cecília, que
tem 1.500 operários (1.200
adquiriram de início ao movi-
mento). Outros pontos fo-
ram enviados para as co-
muns empresas têxteis e no
outro dia haviam se reorgani-
zando em greve: Ceará In-
dustrial, Santa Maria, San-
ta Elita, Siqueira Guedes
(paralelamente), São José
(paralelamente) e Botafogo
(paralelamente), o que totali-
zou 6 mil operários.

Ceará apoiou resolutamente
a greve. O governador Sara-
nte, por outro lado, decla-
rou aos têxteis, durante a
passagem que estes realiza-
ram até o Sindicato apoiar
integralmente sua luta.

**Conquistada
a vitória**

A firmeza do movimento
grevista, que não se inimi-
dou diante do aparato po-
licial colocado nas fábricas,
obrigou os patrões a volta-
rem atrás e iniciarem o im-
ediato pagamento do novo sa-
lário.

A vitória conquistada es-
timulou os trabalhadores a
intensificarem, depois, a lu-
ta contra a carestia e pelo
congelamento dos preços, pa-
ra que não seja anulado o
salário-mínimo.

**Vacilação
do Sindicato**

É necessário frisar que a
direção do Sindicato vaci-
lou abertamente no apoio à
greve, exceção feita ao pri-
meiro secretário José Va-
lenor, que imediatamente se
identificou com os traba-
lhadores que lutavam pelo
cumprimento da lei.

Em reunião realizada no
dia seguinte, a União Sindi-
cal dos Trabalhadores do

**Piores em póto
Logo que teve início a gre-
ve
Faleceu na
Creche o Garoto**

«No mês de julho a
operária Joannita Ribeiro
Gomes, da Fiação e Te-
lagem Ypiranga Jaffet,
entregou o seu filhinho
Carlos, de 6 meses de ida-
de, na creche da empré-
sa, enquanto ia trabalhar.
Poucas horas depois, foi
chamada à creche para
saber que seu filho havia
falecido ali. Nenhuma
providência foi tomada
pela empresa para apu-
rar a causa do fato e
nem foi revelada a «cau-
sa-morte». Quando o me-
nino foi entregue à cre-
che, gozava perfeita saú-
de.

O fato demonstra a
falta de interesse e de
cuidado pela vida huma-
na que existe na empré-
sa, pois exatamente numa
creche, onde devia haver
tratamento médico e ali-
mentação adequada para
as crianças, é que o ga-
roto Carlos veio a fale-
cer».

(Do correspondente na
fábrica Ypiranga-Jaffet,
S. P.).

**MISÉRIA E DESOLAÇÃO
NO INTERIOR DE MINAS**

DO marítimo Aldemar Carlos da Silva, do Rio, recebemos
uma carta (resumida abaixo) acompanhada da contri-
buição de Cr\$ 10,00, que agradecemos.

«Regressi agora de uma viagem pelo interior de Mi-
nas Gerais, onde estive particularmente em Maranhão, e
não posso deixar de escrever-lhes sobre a miserável e es-
pantosa situação em que vivem os trabalhadores do campo
naquela região.

Reina ali a mais completa miséria. Os salários são bai-
xíssimos: vi um velho de 73 anos que ganhava Cr\$ 200,00
mensais (livres) para trabalhar no campo. Não há trabalha-
dores e os próprios fazendeiros estão desesperados, princi-
palmente porque a última colheita foi fraca. Os preços são
elevados, o açúcar cristal já estava Cr\$ 15,00 o quilo. A
seca mata o gado e impera a desolação.

Conheci uma senhora, mãe de 11 filhos e cujo marido
morreu tuberculoso, que ganhava um ordenado ridículo para
fazer trabalho pesado (juntar gado), vivendo não se sabe
como. A infância, doença e senilidade, vive abandonada e
trabalha como adulta. E há mais coisas, mas não quero
alongar-me mais».



**ASSISTÊNCIA
JURÍDICA PARA
OS CAMPONESES
DE Nazareno Clavilla,
Deitos de Ribério
Prato (S. P.), recebemos:**

«Os trabalhadores ru-
rais do Brasil têm pas-
sado uma vida dura, ga-
nhando sob a brutalidade
policial e a exploração
constante dos latifundi-
stas. Entretanto, existem
diversos leis que asseg-
uram a eles vários direi-
tos, como o salário-mí-
nimo, férias, repouso sema-
nal remunerado, paga-
mento de horas extras,
etc.

Não se deve desprezar
estas leis, como fazem
muitos que se limitam a
dizer enganosamente que
os camponeses devem se
unir e nunca possuem
em proporcionar assis-
tência jurídica para os tra-
balhadores rurais. Essa é
uma interpretação errô-
nea, essas pessoas pen-
sam que o trabalhador
rural está armado de ca-
rabanas e vai unido fazer
com que o fazendeiro pa-
gue todos os direitos in-
scritos nas leis. É neces-
sário compreender que a
própria luta dos traba-
lhadores pelos seus direi-
tos, através da justiça,
também é uma maneira
de unidos.

Se num lugar se forma
um sindicato de assala-
riados agrícolas, no mes-
mo dia um advogado de-
ve entrar na justiça com
uma reclamação traba-
lista exigindo a aplica-
ção das leis, pois as
leis valem para o municí-
pio e o trabalhador mora
no município».

Apoio da Assembleia
Legislativa, das câ-
maras de P. Alegre e
Sta. Maria, do prefe-
to e da COMAP - Re-
forma agrária e ren-
tamento de relações

SANTA MARIA, R. G. S. (Do Correspondente) — Real-
zou-se nesta cidade, recentemente, uma grande concen-
tração popular contra a carestia e pelo congelamento dos
preços dos gêneros essenciais. A manifestação foi convocada
pelas organizações sindicais e ferroviárias e apoiada pelo
prefeito e a Câmara Municipal, além da COMAP, que se co-
locou no lado do povo desde o início do movimento.

O comício

O comício constituiu-se num autêntico êxito, tendo con-
tado com a participação de milhares de pessoas. Os ferroviá-
rios vieram incorporados dando a coroa, conduzindo a ban-
deira nacional e a da União das Ferroviárias. A atitude ab-
ditada do delegado regional de polícia, proibindo a partici-
pação que estava programada e enviando verdadeiros aparatos
búlicos na cidade (com a polícia montada e metralhadoras)
não impediu o brilho da manifestação.

Especialmente empenhados, firmaram representar a As-
sembleia Legislativa do Estado, a Câmara Municipal de Pó-
to Alegre e a Federação dos Trabalhadores na Indústria,
por intermédio do deputado Waldemar Rodrigues, vereador
Pedro Alvarez e sr. Dalimar Severo.

Denunciada a espionagem tongue

Aberto o comício, usaram da palavra os srs. Patrício
Oliveira (vereador local), João Edes (presidente do Sindi-
cato do Varejo), Edimar Nelo (chefe ferroviário), Da-
lmar Severo (da F. T. L.), Mona Barreto, Jorge Mateus,
deputado Waldemar Rodrigues e vereador Pedro Alvarez.

Foiam particularmente aplaudidos os discursos dos re-
presentantes da Assembleia e da Câmara de Póto Alegre,
que enumeraram o latifúndio e a exploração tongue de
nossa economia como causas fundamentais da miséria e da
carestia reinantes em nosso país e apontaram como medi-
das profundas para o progresso nacional a reforma agrária,
o rentamento de relações com todos os países e a libertação
de nosso comércio exterior.

Convergência em Porto Alegre

No encerramento da grande reunião popular deliberou-
se enviar uma delegação de líderes sindicais, parlamentares
e personalidades de Santa Maria e Póto Alegre para avi-
sante com o governador do Estado e debater medidas con-
tra a carestia do custo da vida. No mesmo sentido, foi en-
viado uma memorial ao governo federal.

Foi acordada, ainda, a realização de uma convergência sin-
dical e popular na Capital gaúcha, em prosseguimento da
campanha pelo congelamento dos preços dos gêneros de
primeira necessidade.

VOZ OPERÁRIA	ASSINATURAS:
	Anual Cr\$ 100,00 Semestral . . . Cr\$ 50,00 Trimestral . . . Cr\$ 25,00 Núm avulso Cr\$ 1,50 Núm atrasado Cr\$ 2,00
Diretor-Responsável Aydano do Couto Ferraz	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257, 17º and., s. 1.112 Tel. 42-72-4	
Aérea ou sob registro, despesas a parte Preço no Rio Grande do Sul, Sta. Catarina e Pa- raná, Cr\$ 2,00	

OS PROBLEMAS DA DEMOCRACIA SOCIALISTA

(Conclusão da página Central)
sem levar sempre na necessária conta as condições particula-
res, que em cada país impunham e impõem caminhos de de-
senvolvimento particulares, correções e adaptações da expe-
riência soviética.

O CAMINHO ITALIANO

As críticas feitas a Stálin no XX Congresso, a maioria
delas inesperadas, chocaram, certamente, os quadros do mo-
vimento internacional, e mesmo, em menor grau, as massas
dessa movimento. A maneira pela qual os inimigos se lan-
çaram sobre essas críticas, para fazê-las um instrumento de
luta contra nós, reuniram estreitamente em torno do Partido
seus militantes. Além disto, cumpre dizer que não houve
apenas surpresa entre eles. Houve dor e aqui e ali, uma
certa desorientação. Surgiram dúvidas sobre o presente, e
assim por diante. Estas coisas não podem ser evitadas, dadas
a gravidade dos fatos denunciados e as modalidades da de-
núncia: é que os comunistas soviéticos, limitando-se em su-
bstância a denunciar os fatos e a empreender a sua justa cor-
reção, negligenciaram até agora a tarefa ainda não cum-
prida, de abordar o difícil tema do julgamento político e his-
tórico em seu conjunto.

Não é lego que disso possa derivar uma redução da con-
fiança recíproca e da solidariedade entre os diversos partidos

do movimento comunista. Sem dúvida disso deriva, entretanto,
não somente a necessidade, mas também o desejo de uma
excecute autonomia de julgamento, o que só pode ser bené-
fico ao nosso movimento. A estrutura política interna do
movimento comunista mundial modificou-se, no presente. O
que fez o Partido Comunista da União Soviética permanecer,
como já disse o primeiro grande método de construção de uma
sociedade socialista, cuja rota foi aberta por uma profunda,
decisiva ruptura revolucionária. Hoje, a frente da construção
socialista nos países onde os comunistas são o partido diri-
gente alargou-se de tal modo (engloba um terço do gênero
humano!) que, mesmo para esta parte e modelo soviético
não pode e não deve mais ser obrigatório. Em cada país
governado pelos comunistas podem e devem influenciar, de
maneira variada, as condições objetivas e subjetivas, as tradi-
ções, as formas de organização do movimento. No restante do
mundo, há países onde se deseja caminhar para o socialismo
sem que os comunistas sejam o partido dirigente. Noutros pa-
íses, ainda a marcha para o socialismo é um objetivo para o
qual se concentram esforços dos partidos de movimentos diver-
sos, os quais, entretanto, muitos vezes não chegaram ainda
nem a um acordo, nem a uma compreensão recíproca. O con-
junto do sistema torna-se policêntrico e no próprio movimento
comunista não se pode mais falar de guia único, e sim de um
progresso que se realiza através de caminhos frequentemente
diversos. Das críticas a Stálin resulta um problema geral,

comum a todo o movimento — o problema dos perigos da de-
generação burocrática, do sufocamento da vida democrática,
da confusão entre a força revolucionária construtiva e a
destruição da legalidade revolucionária, do afastamento da
direção econômica e política da vida, da iniciativa, da crítica
e da atividade criadora das massas. Saúdamos o fato de
que entre os partidos comunistas que se encontram no poder
se estabeleceu uma emulação quanto aos melhores meios de
evitar, para sempre, este perigo. E é a nós que incumbirá
a tarefa de elaborar o método e nome próprio caminho, a fim
de estermos, também nós, garantidos contra os perigos de
estagnação e de burocratização, a fim de sabermos resolver
ao mesmo tempo os problemas da liberdade para as massas
trabalhadoras e da justiça social, e conquistarmos, assim,
entre as próprias massas, um prestígio e um apoio cada
vez maiores.

(1) — Nos anos de 1924-1931, quando os imperialistas, pre-
paravam cada vez mais intensamente sua ofensiva à U. S. S. R., uma
intervenção contra Stálin para provocar perturbações que os impe-
ria do comunismo não tinham delimitado de exatidão. Não havia tal
intervenção aberta o caminho é possível? Em primeiro lugar não há
Nenhuma comunista honesta queira afirmar. Politicamente não é
possível fazer esta coisa sem que ela foi feita. Em primeiro lugar
os comunistas e trabalhar para a edificação do socialismo, para o fe-
lizamento da U. S. S. R. para o fortalecimento dos Partidos Comunistas
em todo o mundo, e isto sempre dos princípios fundamentais da
esta a personalidade de Stálin. (L'HUMANITÉ, 26 DE ABRIL
DE 1950).

Ajudam os Operários a Organização Dos Trabalha- dores do Campo



A ORGANIZAÇÃO e as lutas de dezenas de milhares de assalariados agrícolas e colonos são, atualmente, uma das características mais notáveis do avanço do movimento democrático de massas no país. Devemos saber valorizar, na justa medida, os êxitos alcançados nesse terreno e estudar suas experiências: isso é indispensável para que saibamos impulsionar o movimento organizado dos trabalhadores rurais e ajudá-los a defender seus direitos.

Cerca de quarenta sindicatos rurais, agrupando dezenas de milhares de assalariados e colonos, funcionam, atualmente, no interior do país, principalmente em São Paulo e norte do Paraná. Este é um fato novo na situação brasileira e constitui o ponto de partida para o vigoroso desenvolvimento de todo o movimento de massas no campo.

O PAPEL DO PROLETARIADO

A ajuda dos operários da cidade tem tido importância considerável para a organização dos trabalhadores rurais. Os operários, que possuem uma grande experiência sindical, ensinam aos seus irmãos do campo de que modo formar os sindicatos, providenciar seu registro, regularizar seu funcionamento. Ajudam-nos a enfrentar a reação dos latifundiários, prestando-lhes ativa solidariedade e colocando-se, em cada caso, à frente da luta contra as arbitrariedades policiais. A ajuda do proletariado à organização dos assalariados agrícolas e colonos é, atualmente, em nosso país, a principal forma de aliança operário-camponesa. Cumpra desenvolve-la.

O EXEMPLO DE LONDRINA

Em Lonrina, os operários tomaram a iniciativa de convocar os colonos a se organizarem para defender seus direitos. Foi um volante da União dos Trabalhadores de Londrina que levantou a questão do salário-mínimo e das férias para os colonos de café. E estes contaram, sempre, para organizar o Sindicato e para resistir às investidas dos latifundiários, com a ativa solidariedade dos operários, já agora dos operários do Paraná, de São Paulo e de outros Estados, que tomam firme posição em defesa do Sindicato rural ameaçado pela violência dos grandes fazendeiros paranaenses. O Pacto de Unidade Inter-sindical dos operários paulistas colocou-se firmemente ao seu lado, bem como o lado do Sindicato dos Colonos de Nova Fátima, para onde o Pacto enviou um representante — dirigente dos têxteis de São Paulo — em expressiva manifestação de apoio.

A ajuda dos operários tem tido decisiva importância para a derrota das investidas da reação contra a organização sindical dos colonos paranaenses.

OS EXEMPLOS DE SÃO PAULO

O mesmo se verifica em São Paulo. Os sindicatos paulistas tiveram papel saliente na luta contra as violências policiais de que foi alvo o Sindicato rural de Ribeirão Preto, afinal reaberto. O mesmo ocorreu em relação ao Sindicato de Catanduva. Atualmente, esta colaboração fraternal entre o proletariado industrial e os trabalhadores do campo vem ampliando-se. Recentemente os sindicatos paulistas fizeram-se representar na fundação do Sindicato rural de Garça, à qual compareceu um delegado do Pacto de Unidade (o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos), levando aos assalariados agrícolas a solidariedade e a experiência de organização sindical dos operários da indústria.

Mas não é somente em São Paulo que isso se verifica. Há muitos outros exemplos. Em Santa Rita do Sapucaí (Minas) o Sindicato dos operários da construção civil tomou a iniciativa de ajudar a organização dos trabalhadores rurais. No sul baiano os sindicatos operários de Ilhéus e Itabuna ajudam os lavradores e trabalhadores do cacau a prepararem sua conferência regional.

PELA LEGISLAÇÃO RURAL

Os sindicatos operários tomam, hoje, em suas mãos, a defesa do projeto dos trabalhadores rurais, em discussão na Câmara, e pelo qual a estes se aplica o regime jurídico da Consolidação das Leis do Trabalho e de sua legislação complementar. Esta é uma questão decisiva para os trabalhadores do campo, cuja conquista — salário-mínimo, férias, repouso semanal remunerado, etc. — os latifundiários pretendem suprimir. O êxito dessa luta depende da ação unida e organizada dos sindicatos rurais e operários, da união dos trabalhadores da cidade e do campo, e muito contribuirá para fortalecer e ampliar esta união.

DENTRO DE 30 DIAS NOVO PROJETO DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS

FOI ADIADO, por trinta dias, o debate, na Câmara, do projeto que estende aos trabalhadores rurais o regime jurídico da Consolidação das Leis do Trabalho e de sua legislação complementar. Depois de pedir (sessão de segunda-feira) a retirada do projeto da ordem do dia, por 24 horas, o sr. Fernando Ferrari, líder do PTB, comunicou que sua bancada firmara, em 27 de maio, um adiamento nas seguintes bases: 1) adiamento, por trinta dias, da discussão do projeto; 2) — um outro projeto será elaborado, à base das emendas apresentadas e do novo substitutivo da Comissão de Legislação Social, por uma comissão interpartidária, já indicada; 3) — os líderes das diversas bancadas firmaram o compromisso de aprovar urgência para o novo proje-

to logo chegue a plenário, dentro de um mês.

QUESTÕES ESSENCIAIS

A discussão do projeto, as várias emendas e substitutivos apresentados, a pressão da imprensa e das organizações dos latifundiários, tornaram claro que os monopolistas da terra, exploradores dos assalariados agrícolas e colonos não se conformam com a extensão de qualquer direito aos seus trabalhadores. Eles querem não somente impedir a extensão como aproveitar a oportunidade para suprimir, legalmente, os direitos já conquistados e que eles vêm sonhando.

Este jornal vem destacando, em sucessivas edições, a trama dos latifundiários, consubstanciada claramente no substitutivo Arinos que não só não estende quaisquer

direitos aos trabalhadores rurais como rouba os que estes já conquistaram — particularmente no caso dos colonos, que são transformados em servos sem quaisquer direitos legais. Por outro lado, o novo substitutivo da Comissão de Legislação Social ao projeto 4224 elaborado com acentuada influência de representantes do PTB e por estes aprovado na Comissão, apresenta uma perigosa tendência à barganha com os latifundiários, à custa dos trabalhadores, em torno de um ponto central das divergências: o controle da aplicação da lei.

A UDN-PSD querem que o controle e fiscalização da aplicação da lei seja feito exclusivamente pelo Ministério da Agricultura, por intermédio do Serviço Social Rural. O PTB quer o controle e fiscalização pelo Ministério

do Trabalho. Alegam os adonopossuístas que o Ministério do Trabalho é, sempre, ocupado pelo PTB, de modo que os petebistas ficariam com a eficiência das armas eleitoral no interior do país. O PTB considera que, se o Ministério da Agricultura geralmente ocupado pelo PSD, controlar a aplicação da lei, quem fica com as armas eleitoral é esse partido, que a dividirá com a UDN, através da ação do Serviço Social Rural — órgão que será praticamente controlado pelos latifundiários adonopossuístas.

Assim é que o novo substitutivo da Comissão de Legislação Social: 1) — aceita inteiramente a definição Arinos de trabalhador rural, revogando a do decreto-lei 7.005; 2) — exclui os colonos do gozo de todos os direitos já de há muito assegurados em lei, inclusive o direito ao salário-mínimo; limita o gozo de certos direitos (mesmo assim com restrições absurdas) ao chamado trabalhador-empregado, considerando como tal somente aquele que presta serviços de natureza não eventual; 3) — sujeita o salário-mínimo e vários tipos de descontos e restrições que, na prática, liquidam esse direito, colocando-o à mercê dos mais variados emendas dos latifundiários; 4) — exclui a extensão da previdência social ao campo. Em troca dessas concessões o substitutivo procura fazer passar uma fórmula «conciliatória» para o controle, aplicação e fiscalização da lei, dividindo-os entre o Ministério da Agricultura (por intermédio do SSR) e o Ministério do Trabalho, ficando este (artigo 80) com a fiscalização.

PRAZO PARA LUTAR

Como se vê, não são pequenos os perigos que ameaçam os direitos dos assalariados agrícolas e colonos. O adiamento do projeto lhes dá, porém, um prazo de um mês, no curso do qual podem mobilizar-se melhor para lutar, juntamente com os operários e seus sindicatos, para assegurar a aprovação de um projeto que lhes seja favorável.

DERROTA DOS LATIFUNDIÁRIOS DE LONDRINA



DEPOIS de tentar, sem resultado, a intimidação policial para impedir a sindicalização dos colonos do norte do Paraná (veja-se na foto, grupo de policiais colocados nas ruas de Nova Fátima para intimidar os colonos) os latifundiários paranaenses recorreram a um processo-farsa visando liquidar os sindicatos dos trabalhadores rurais da região, especialmente os de Londrina. Coube ao promotor-substituto Ildefonso Assunção, membro da "cruzada" de Pena Boto, apresentar ao juiz de Londrina uma denúncia contra o advogado do Sindicato e outras pessoas, pedindo sua prisão. A "denúncia" era documentada com supostos "materiais subversivos" apreendidos na sede da organização e que não passavam de atas e formulários para requerimento à justiça dos direitos assegurados em lei aos colonos e sonhados pelos latifundiários. O juiz, sr. Hercules de Macedo Rocha, rejeitou a "denúncia" do promotor fascista e servil dos grandes fazendeiros de café, reconhecendo a legalidade do Sindicato. Esta é, sem dúvida, uma vitória dos colonos contra as investidas policiais de que estão sendo alvo e que eles derrotaram sempre, com a ajuda dos operários e seus sindicatos, se souberem defender seu direito à organização.

LOTA O PROLETARIADO PAULISTA PELO

REAJUSTAMENTO GERAL DOS SALÁRIOS

Na Ordem do Dia a Reforma da Previdência Social

CENTENAS de milhares de trabalhadores paulistas vivem ativamente a luta pelo reajustamento geral dos salários. Ao lado da contendação dos preços dos gêneros de primeira necessidade, a conquista dos novos níveis de produtividade é a principal reivindicação dos operários da indústria e de dezenas de milhares de funcionários e empregados. Assembleias sindicais, reuniões de empresas e setores, reuniões sindicais, etc., estão se realizando em São Paulo, para discussão das bases do reajustamento.

Em São Paulo já encontram-se em andamento os trabalhos para a elaboração do projeto de lei para discutir a tabela de aumento para qual lutar. Os ferroviários da Sorocabana estão em assembleia permanente, lutando pelo aumento. Os vidreiros estão discutindo com os patrões os novos níveis de salários para o setor. Também estão em luta por aumento os trabalhadores em frigoríficos, os da indústria de calçados, os da Companhia Anárquica, os concetores de veículos, os operários da construção civil, etc.

Na fábrica, no local de trabalho, é essencial para o êxito de suas lutas. O Pacto de Unidade Intersindical apoia as lutas pelo reajustamento de salários, assegurando a cada setor a solidariedade de todos os outros. Esta luta é estreitamente ligada ao combate contra a carestia e pelo congelamento dos preços, que tomaram um novo impulso com a grande concentração do dia 9, na capital paulista.

Esta na ordem do dia a reforma da previdência social. Uma comissão de dirigentes sindicais (Rio e São Paulo), está estudando as bases de um anteprojeto, a ser apresentado ao presidente da República, e entre os pontos de vista dos trabalhadores, estes não concordam com a maioria e importantes aspectos do anteprojeto elaborado por esta comissão governamental, fazendo ressaltar a várias propostas constantes do exposto de motivos do ministro do Trabalho, sr. Parisfal Barrozo, que apresenta ao sr. Kubitschek as principais conclusões

da comissão nomeada para estudar a matéria.

Afirma o sr. Parisfal Barrozo, de acordo com aquelas conclusões, que a comissão limitou-se ao estudo "da estrutura administrativa da Previdência Social, visando a eliminação dos fatores que vem perturbando o bom funcionamento desta. A Comissão — acrescenta a exposição de motivos do ministro — considerou quatro propostas, oporadas, afinal, pela seguinte: "uniformização do sistema administrativo das atuais instituições de Previdência Social, com o máximo de descentralização

executiva, a participação efetiva das classes na gestão e no controle dos institutos e a reforma estrutural das agências ministeriais deste âmbito, no sentido de assegurar-lhes maior atuação".

Pela exposição (no relatório do ministro) dessas propostas, vê-se que ela encerra numerosas inconveniências em primeiro lugar não assegura, de fato, a efetiva participação dos trabalhadores na direção da previdência, o que é uma reivindicação essencial defendida pelos sindicatos operários. Na semana entrante a comissão de dirigentes sindicais prosseguirá o estudo da matéria.

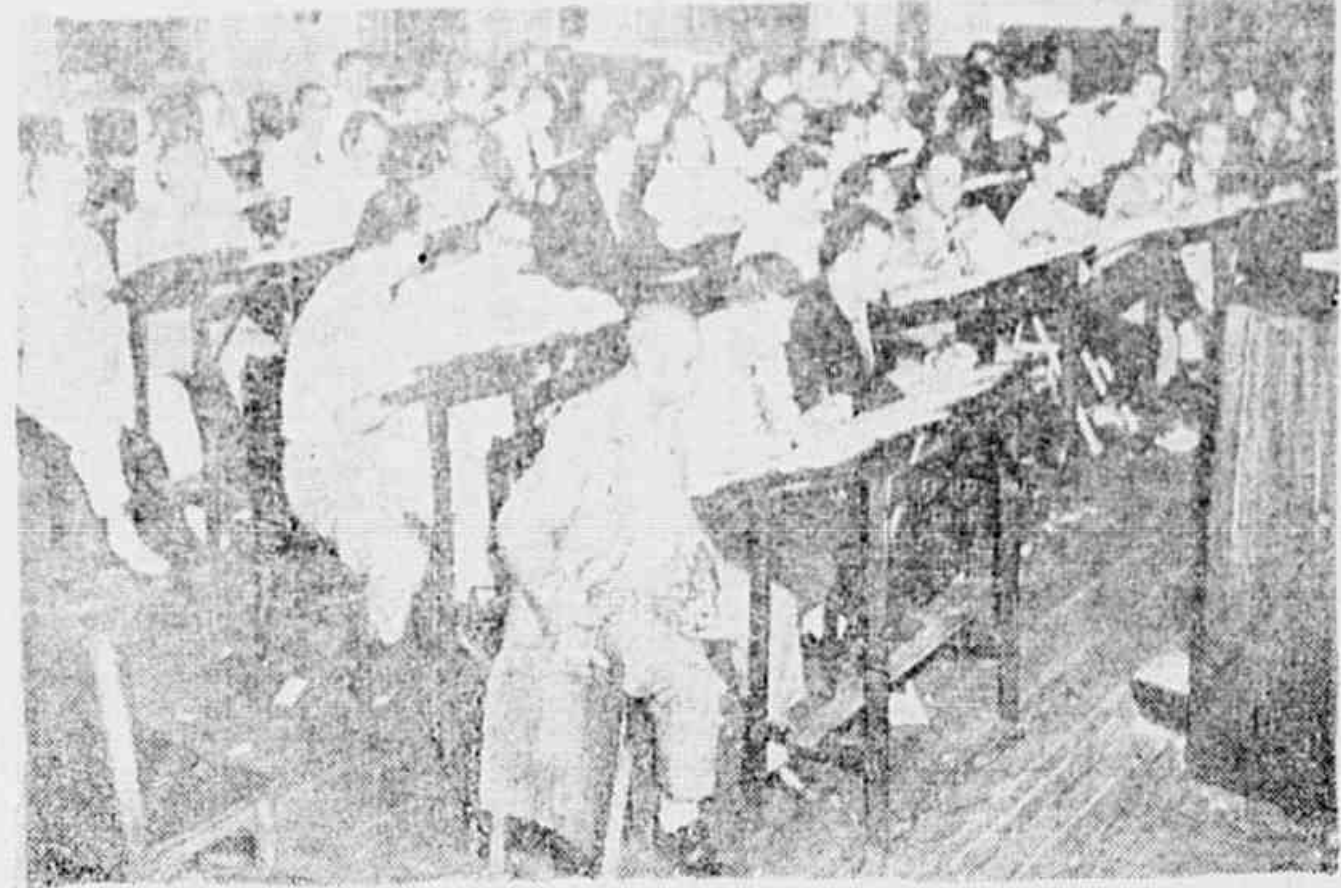
NOS DIVERSOS SETORES

Os têxteis já enviaram, aos patrões, uma proposta de reajustamento. Os gráficos reclamam Cr\$ 1.700,00 de aumento sobre os salários de 15 de julho. Os metalúrgicos discutirão, em assembleia do Sindicato, no próximo dia 9, as bases do pedido de reajustamento. Os trabalhado-

res em São Paulo já encontram-se em andamento os trabalhos para a elaboração do projeto de lei para discutir a tabela de aumento para qual lutar. Os ferroviários da Sorocabana estão em assembleia permanente, lutando pelo aumento. Os vidreiros estão discutindo com os patrões os novos níveis de salários para o setor. Também estão em luta por aumento os trabalhadores em frigoríficos, os da indústria de calçados, os da Companhia Anárquica, os concetores de veículos, os operários da construção civil, etc.

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO

Levando em conta as experiências das lutas anteriores, os trabalhadores reforçam sua unidade e organização nas empresas. Numerosos conselhos sindicais, comissões de empresa e de setor, comissões de salário, etc., estão sendo organizados nas fábricas ou junto aos sindicatos, na capital, nos municípios do ABC e outros. Os operários compreendem que a unidade e a organiza-



★
NA FOTO AO LADO: aspecto do plenário do I Congresso Brasileiro de Previdência Social, no qual foram fixados os pontos de vista dos trabalhadores sobre importantes problemas da previdência em nosso país.
★

RESPONDEM COM A GREVE ÀS TENTATIVAS PATRONAIS DE BURLA AO SALÁRIO-MÍNIMO

OS TEXTEIS de Moreno (Pernambuco) obrigaram os patrões após dois dias de greve, a pagar o salário-mínimo, cujos novos níveis eles se recusavam a aceitar. Os industriais firmaram um acordo com os trabalhadores, pelo qual será pago o salário-mínimo de Cr\$ 2.200,00 a partir de 1.º de agosto e será feito, na segunda quinzena de setembro, um reajustamento dos salários. Os operários que atualmente ganham acima do mínimo tiveram um aumento provisório de Cr\$ 100,00.

OS MARÍTIMOS DAS EMPRESAS PARTICULARES, QUE GANHAM MENOS QUE OS AUTÁRQUICOS (EMBORA EXECUTEM TRABALHO IGUAL) QUEREM EQUIPARAÇÃO AOS DO LOIDE E COSTEIRA — PACTO DE AÇÃO COMUM ENTRE OS SINDICATOS MARÍTIMOS

Marítimos realizam concentração na Câmara (FOTO ABAIXO) em defesa de suas reivindicações. Estão dispostos a ir até à greve geral, à zero hora de 21 de setembro, se até esse prazo não forem atendidos.



Marcham Para a Greve os Marítimos Brasileiros

A luta dos marítimos pela equiparação dos vencimentos dos que servem às empresas particulares no nível dos salários pagos pelas empresas autárquicas (Loide Brasileiro e Companhia de Navegação Costeira) chega a uma fase decisiva. Nesta semana, atingiu a dez o número de sindicatos (o total de entidades sindicais marítimas é de cerca de 15) dos mais importantes que deliberaram

dar um prazo final às empresas particulares até o dia 20 de setembro para que concedam a justa reequiparação. Caso não o façam, será declarada a greve nacional à zero hora do dia 21.

O QUE É A REEQUIPARAÇÃO

Embora executem o mesmo serviço, os marítimos das empresas particulares ganham muito menos do que os das empresas autárquicas. A diferença é tal que um moço de bordo, autárquico, ganha tanto ou mais que um comandante de empresa particular. Além disso, os autárquicos usufruem direitos que são negados aos seus colegas, tais como quinquênios. Como se vê, a reivindicação é inteiramente justa, pois o trabalho é um só e o custo da vida é igual para todos. E para conquistá-la, estão unidos os dois setores de marítimos, os autárquicos em solidariedade aos colegas.

INTRANSIGÊNCIA PATRONAL

A luta pela reequiparação vem se prolongando desde março deste ano, encontrando sempre obstinada intransigência dos armadores. A estes, foi concedido aumento das tarifas que atinge até 151%, mas só foi dada aos seus servidores a elevação salarial de 25%, o que demonstra ser inteiramente in-

justificada sua resistência à reequiparação.

Após numerosas tentativas de conseguir uma solução pacífica, parlamentando com o sr. Juscelino Kubitschek e com o DNT e promovendo concentrações em frente à Câmara Federal, os marítimos marcham agora para a greve nacional.

PACTO DE AÇÃO COMUM

Após realizarem assembleias nos diversos sindicatos, os marítimos firmaram um pacto de ação comum para a luta e a vitória.

Estão lutando juntos e juntos irão à greve, se os patrões não cederem até o dia 20.

Na última semana, aderiram ao pacto os sindicatos de motoristas, mestres de pequena cabotagem, talfeiros, oficiais de náutica, marinheiros, empregados em escritórios de navegação e radiotelegrafistas.

Estreitamente unidos, reforçando suas organizações e animados de grande disposição de luta, os marítimos conquistarão a vitória.

VITÓRIOSAS A GREVE EM BELEM

Em Belém do Pará os patrões estão, igualmente, pagando os novos níveis do salário-mínimo a partir de 1.º de agosto. Recusavam-se a pagá-los, mas os trabalhadores que não receberam de acordo com o decreto de 14 de julho declararam-se em greve, realizando um grande movimento grevista que paralisou quase toda a capital paranaense, atingindo cerca de 5 mil operários. A greve durou uma semana, terminando com a vitória.

GREVE DE HOTELEIROS

Em outros pontos do país os trabalhadores estão respondendo com a greve às tentativas dos patrões de burlar o novo salário-mínimo. Tentativa dessa ordem fizeram os proprietários do Hotel São Paulo, na capital paulista, levando os trabalhadores do Hotel a uma greve de três horas.

ESTÁ SENDO DEVORADO PE- LA CARESTIA O RECENTE AU- MENTO DO SALÁRIO-MÍNIMO

VOLTOU a ZOFAP à sua velha função de órgão des-
tinado à concessão ininterrupta do aumento de preços. La-
mãe recorre mais uma vez ao arcaico, ao leite e
do pão. Nos outros gêneros já se encontram em prisa para
novos aumentos de preços.

MÉTODOS CRIMINOSOS PARA IMPOR A CARESTIA

Um fato curioso de longe a estirpe nos últimos momentos
é que fora imposta à população através do "leite e
do pão" dos chamados "produtores": produtores e vendedores
de açúcar, panificadores e distribuidores da produção in-
terior.

O "leite e do pão", de acordo com as leis do país. Mas,
com esta arma ilegal, é que se interessam nos aumentos
dos preços e do consumo a ZOFAP — isto é, o arcaico —
a efetuar através empenhos de monopólios artificiais e de co-
mplicitade. Evidentemente, um órgão como a ZOFAP, que
se volta a membros ilegais e contra o povo, como o "leite
e do pão", não é órgão verdadeiramente inoperante no combate
à carestia.

A ZOFAP

Entretanto, não se trata de dissolver a ZOFAP, como
propõem os interessados na concentração. Mas não é nes-
sencial, por outro lado, admitir que ela continue a operar
de todas as maneiras possíveis, com a simples função de
homologar os preços altos impostos pelas grandes concentra-
ções. A ZOFAP precisa ser reformada para que tenha alguma
atuação prática no combate ao ininterrupto aumento do custo
de vida. O primeiro passo para esta reforma seria a inclu-
são, nela, de representantes dos sindicatos, das organiza-
ções populares (estudantis, femininas, etc.), e de repre-
sentações do comércio, da indústria, da lavoura que ali
funcionam.

RESISTÊNCIA POPULAR À CARESTIA

Evidentemente, isto por si
só não impedirá que os pre-
ços continuem em ascensão.
Entretanto, possibilitará uma
resistência maior do povo
destinado a pagar os pre-
ços, à representação que vem
para a população brasileira.
Esta resistência, entretan-
to, deve partir, em primei-
ro lugar, do próprio povo,
que ainda não está organiza-
do para a luta. É preciso, em
segundo lugar, a organização
dos sindicatos e a realização
de reuniões de massa. Não há
combate à carestia, para ter
êxito, sem a organização
das massas populares de que
seu apoio é indispensável a
alcançar vitórias significati-
vas.

O SALÁRIO-MÍNIMO TRACADO PELA CARESTIA

Um aspecto a chamar a
atenção é sobre a classifica-
ção dos preços e do custo de
vida.

Um exemplo: a 1ª classe
mãe e trabalhadores com-
parar, em sua realidade, a
paridade e novo salário-mí-
nimo. Pois bem: o aumento
de salários aumentou de 20 por
cento, enquanto os preços
já aumentaram, no açúcar,
em 200 por cento com a revisão do
salário-mínimo.

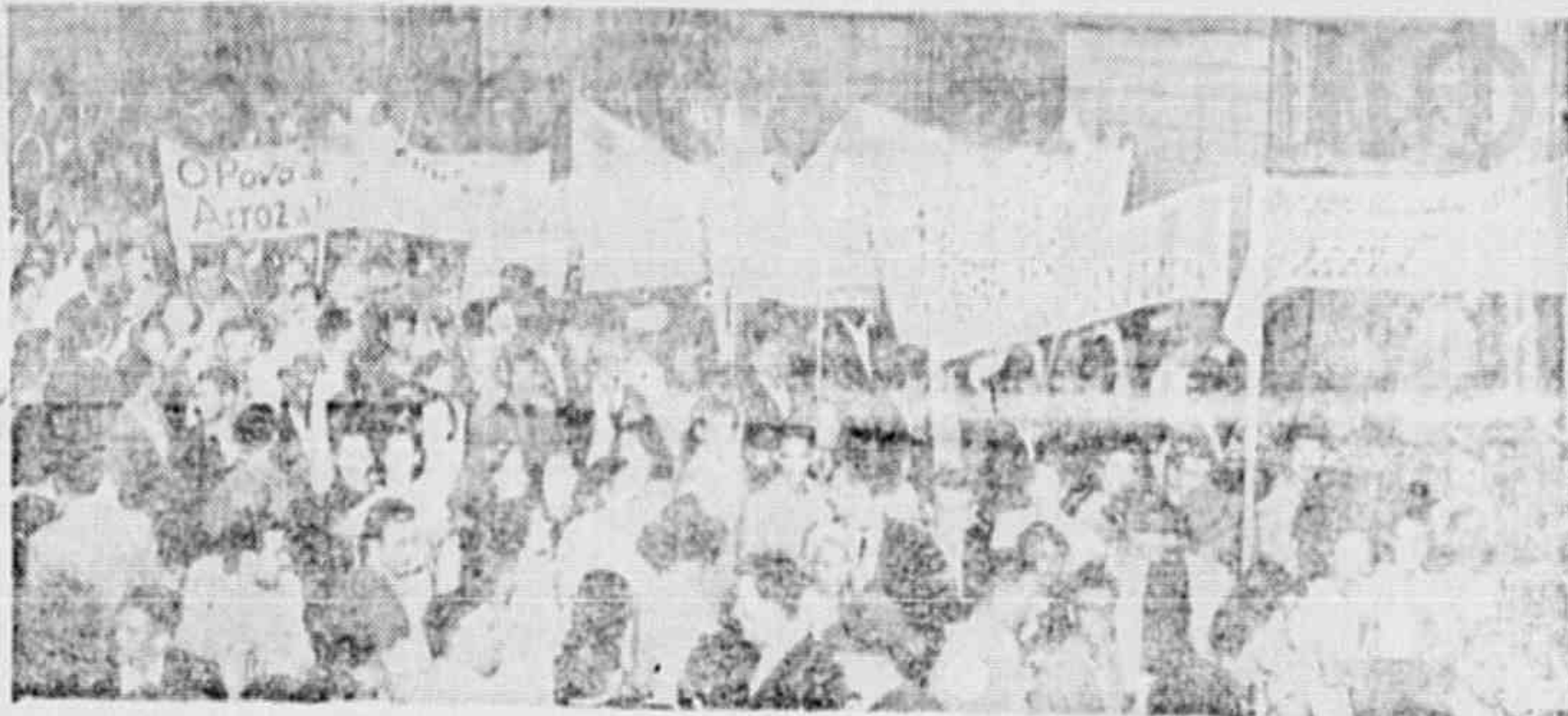
Se não visemos, no Distrito Federal, entre operários da
indústria e empregados no comércio há aproximadamente,
cerca de 50 mil trabalhadores, dos quais cerca de 50 por
cento foram beneficiados com os novos salários-mínimos.
Em contraste, tiveram mensalmente um aumento de 20 mil-
hões de cruzeiros.

Pois bem, fixando com o aumento do leite de 100
em 150, a população carioca terá de desembolsar, mensal-
mente, cerca de 11 milhões de cruzeiros com o aumento
de 50 centavos nas despesas de leite, cerca de 2 milhões;
e com o aumento dos preços do açúcar, perto de 55 milhões
de cruzeiros.

Assim, somando com três aumentos — açúcar de
bando, preço do leite e do açúcar — a população carioca
pagará, a mais, 60 milhões de cruzeiros.

Uma população de 700 mil pessoas, no Rio, são tra-
balhadores da indústria e do comércio ou dependentes das
suas atividades. É de se ver, portanto, que esta e não a
população total de 2 milhões de pessoas, que representa
totalmente a população carioca, que sofre com o aumento
dos preços dos bens, do leite e do açúcar.

Esta situação, isto mostra, por outro lado, que a polí-
tica salarial não tem a ver com o aumento do custo de vida,
mas sim com a distribuição da renda. É preciso, portanto,
que se faça uma revisão da política salarial no Distrito
Federal para evitar o aumento das despesas do comércio e da in-
dústria com o aumento dos salários.



Os protestos do povo é que podem impo-
r uma política de combate à carestia

Medidas Contra a Carestia Exigirá o Povo nas Praças

A violenta melhora dos
preços provoca justa e in-
cessante mobilização popular,
que não aceita a complaci-
ência e a omissão do gover-
no. Operários, estudantes e

SERÃO REALIZADOS DOIS GRANDES COMÍCIOS: EM SÃO PAULO (DIA 6) E NO RIO (DIA 10) — MOBILIZAÇÃO DE MASSAS

donas de casa lutam histó-
ricamente em defesa de seu
já precário nível de vida e
organizações realmente de
massa de determinados gêneros.

Grande Comício em São Paulo

Na Capital paulista será
realizado no próximo dia 6,
às 20 horas, atrás do Teatro
de Almeida, grande comí-
cio contra a carestia, sob o
convencimento dos preços dos
gêneros de primeira neces-
sidade e outras necessidades
dos trabalhadores. A comi-
ssão organizadora do comício
está formada por representantes
de 100 sindicatos e 5 federa-
ções.

Em São Paulo, o comício
é o assunto do dia entre opo-
sicionistas e trabalhadores.
Os manifestantes da indústria
preparam a nível de gran-
de comício a nível de gran-
des comícios a diversos en-
tidades de outros Estados e
do Distrito Federal. O pre-
sidente da República e o mi-
nistro do Trabalho foram
também convidados.

Preparação nos Sindicatos

A mobilização dos traba-
lhadores paulistas para a
concentração está em curso.

principalmente, aos síndica-
tos e aos conselhos sindicais
de empresas. Os organiza-
dores já prepararam 10.000
cartões e 20.000 volantes,
além de 50 cartões para
colocar em locais de públi-
cação. Os organizadores do
comício distribuem co-
municados e panfletos que
sua finalidade é explicar
o programa do comício.

Os comícios colocaram em
curso a mobilização de massa
de 7 milhões de pessoas
de todo o Estado e as
disposições da Comissão
dos trabalhadores e outros
dos sindicatos e organizações
de trabalhadores a serem
realizadas em massa à con-
centração.

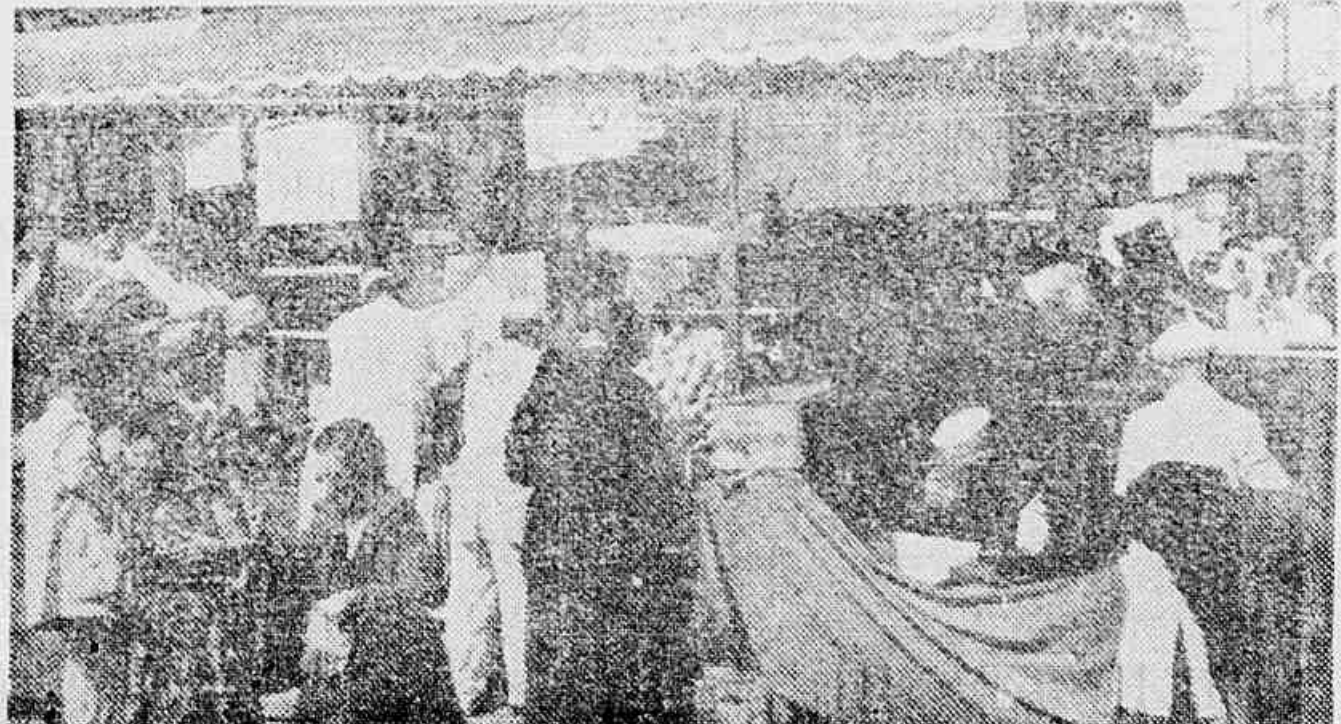
A intenção dos traba-
lhadores paulistas é pro-
por que o comício seja re-
va e realizado durante o
dia inteiro e durante o dia
de todos os trabalhadores e do
povo paulista, em defesa de
melhores condições de vida.

Comício no Rio dia 10

No Rio de Janeiro, a Co-
missão Permanente Contra
a Carestia realizará um co-
mício no dia 10 de setembro,
na Esplanada do Castelo.
Convencendo a dimensão,
foi lançado um manifesto
subscrito por 23 deputados
federais, cinco vereadores,
seus dirigentes de federações



Alta-mobilização constitui um
passo para a mobilização con-
tra a carestia.



Os sucessivos aumentos dos preços estão a unindo o recente aumento do salário-mínimo

25 presidentes e diretores de
sindicatos e outros repre-
sentes de organizações civis.

Desde de quando que a
"alta e recente" dos preços
dos alimentos e dos gêneros
de primeira necessidade im-
plica no aumento do custo de
vida, tais como o leite, açú-
car, farinha de trigo, etc., a
população carioca está em
estado de alerta, e mobiliza-
ção para a luta contra a
carestia.

ter e veementemente
comprometido. Os preços
para 100 dias de vida
pelos sindicatos e pela Co-
missão Permanente Contra a
Carestia.

MANEIRA PARA A LIBERAÇÃO DOS ALUGUÉIS

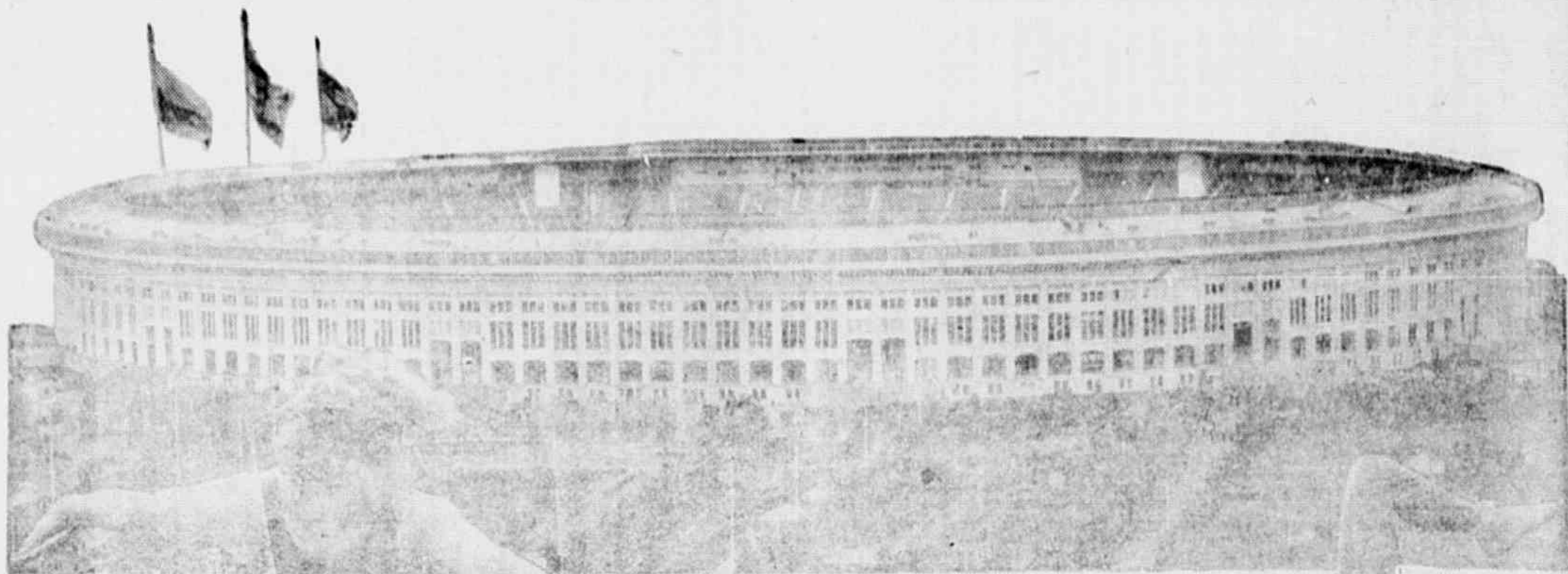
Aumento dos preços de alu-
guéis no Rio de Janeiro
devido ao aumento dos preços
dos alimentos e dos gêneros
de primeira necessidade im-
plicando no aumento do custo
de vida.

Desde de quando que a
"alta e recente" dos preços
dos alimentos e dos gêneros
de primeira necessidade im-
plica no aumento do custo de
vida, tais como o leite, açú-
car, farinha de trigo, etc., a
população carioca está em
estado de alerta, e mobiliza-
ção para a luta contra a
carestia.

Os preços dos alugueis
superior a dois anos é evi-
dente que a quase totalidade
dos inquilinos seria afetada
com esta permissão de au-
mento "livre" dos alugueis. A
quantidade dos proprietários
de imóveis com alugueis, sob-
re os inquilinos. Isto,
sem levar em conta os mil-
hares de despejos que seriam
tentados, por todos os mo-
dos, pelos proprietários de
prédios de aluguel, a fim de
terem suas casas e aparta-
mentos vazios, na data da vi-
gência da lei.

A população não pode
ficar desatenta a este pro-
blema dos tubarões imobiliá-
rios, cuja aprovação seria um
flanco para milhões de in-
quilinos.

Olimpiada Dos Povos da URSS



21 modalidades de esporte compoem o programa da Esportolimpiada. Venceu no lançamento de disco a atleta da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas N. Poromarenko. (TASS)



Voleibol entre as equipes da Bielorrússia e da Ucrânia no Estádio Dinamo. A vitória combinada representada por azerbaijano. (TASS)

Atleta da URSS em uma competição de levantamento de peso. (TASS)

Provas de ciclismo, remo, natação, atletismo pesado e outras despertaram a atenção de milhões de pessoas. Fotos: competição de ciclismo no Estádio dos Pôneiros e a equipe feminina moscovita de oito a 8 remos, campeã da Europa em 55. Deixa agora o título de campeã da Esportolimpiada. (TASS)

